

SANDRO SEBASTIÃO; CILL ABRANTES; VICTORIA TOMBOKO.

ZM MONTEIRO; DIURO SEBASTIÃO; VIVIANE TOMÁS.

COLETÂNEA

DE

CONTOS

VOLUME 2



COLETÂNEA
COLETÂNEA

DE

CONTOS

VOLUME 2

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA:

A presente obra é disponibilizada pela equipe **Às de Copa** e seus diversos parceiros (**Sector Se7e e S.EA.**), com o objectivo de oferecer conteúdo para o uso parcial em pesquisa e lazer, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer usos comerciais do presente conteúdo.

SOBRE NÓS:

A **Às de Copa** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site **ÀS DE COPA**



A editora **ÀS DE COPA** tem como mandatário Diuro Sebastião.

Está localizada no distrito do Kilamba Kiaxe, no bairro Golfe 2 (Avenida Pedro de Castro). Até esta obra, o seu escritório situa no estúdio SECTOR SE7E STUDIO.

Actualmente agrega escritores como:

- Diuro Sebastião
- Cill Abrantes
- Bruno Bráulio
- Luís Abrantes
- Victória Tomboko
- Kerciany Tuty
- Viviane Tomais

Foi fundada em Junho de 2018 por CILL ABRANTES, com o objectivo de apoiar jovens escritores e não só, para publicação de obras literárias de boa qualidade, baixo custo e praticamente **LIVRE** de burocracia.



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

COLETÂNIA DE CONTOS VOL. 2

AUTORIA

SANDRO SEBASTIÃO; CILL ABRANTES; VICTÓRIA TOMBOKO; ZM
MONTEIRO; DIURO SEBASTIÃO; LUÍS ABRANTES; VIVIANE TOMÁS;
BRUNO BRÁULIO.

EDITORA

ÀS DE COPA

DIRECTOR GRÁFICO

DIURO SEBASTIÃO

DESIGNER DE CAPA

LUÍS ABRANTES

CRÉDITOS DE CAPA

CILL ABRANTES

REVISÃO

BRUNO BRÁULIO & CILL ABRANTES.

Esta obra tem os direitos autorais reservados à editora **ÀS DE COPA**, e aos **autores participantes**.

Para reprodução, cópias (inteira ou parcial) deve contactar a **ÀS DE COPA** ou a Sector Se7e ESTÚDIO.

ÀS DE COPA: +244 926 001 113

Site oficial: www.asdecopaeditora.blogspot.com



ÀS DE COPA
© COPYRIGHT 2022
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

S.E.A. SOCIEDADE DOS ESCRITORES DE ANGOLA.

Coletânea de Contos Volume 2[recurso eletronico] /
ZM Monteiro, Victória Tomboko, Diuro Sebastião, Cill
Abrantes, Viviane Tomais, Sandro Sebastião; Revisão
de Bruno Bráulio e Cill Abrantes. _Luanda: Sector
Sete, 2023. Recurso digital (Volume Dois)

Distribuição de: **Às de Copa**

Formato: PDF e EPUB

Requisito do Sistema: Adobe Reader. Modo de acesso:
World Wide Web

1. Literatura Conto/Romance angolano

Título original: Coletânea de Contos Vol. 2.

Baseado em: **Contos variados.**

Copyright © 2023 by ÀS DE COPA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no
todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos
morais dos autores foram assegurados.

Texto revisado segundo o acordo ortográfico de Língua
Portuguesa 2010.

Composição de miolo da versão impressa: Sector Se7e
Studio. Direito exclusivo de publicação em Língua
Portuguesa somente para Angola adquirido pela

EDITORA ÀS DE COPA

Avenida Pedro de Castro Van-dúnem–Luanda, LDA – Tel: 926
001 113 que se reserva a propriedade literária desta obra.

Produzido em Angola

Seja membro do grupo **S.E.A.** Sociedade dos Escritores de Angola no facebook clicando [AQUI](#)

Publique, partilha os seus conhecimentos connosco.



SUMÁRIO

- **Sandro Sebastião.**

Esperança. (pag. 12)

- **Cill Abrantes.**

E.C.O.: Narcotráfico. (pag. 20)

- **Victória Tomboko.**

O amor é uma miragem. (pag. 44)

- **Bruno Bráulio.**

Rosa Mortal. (pag.57)

- **Diuro Sebastião.**

Um amanhecer tenebrozo. (pag. 63)

- **Luís Abrantes.**

O homem que eu deixei. (pag. 69)

- **Viviane Tomás.**

Recomeço. (pag. 74)

- **ZM Monteiro.**

Como te reconquistar. (pag. 80)

- Agradecimentos..... 111
- Nosso Banco de Dados..... .112

“Água mole em pedra dura, bate, bate, até que fura”.



SANDRO SEBASTIÃO

ESPERANÇA



SANDRO SEBASTIÃO

— Meu bobo! – Disse-me sorrindo, nos cantos das bochechas, as covinhas devidamente projectadas.

— Minha louca. – Falei puxando-a mais para mim.

— Meu buluzento! – Rematou enquanto brincava com as minhas bochechas.

— Minha loucura por excelência, nem preciso de cura, amar-te é a melhor loucura!

— Bué maluco, yeá! – Ela falou sorrindo, antes que se pronunciam qualquer palavra à mais, puxei-lhe pela cintura, aconchegada em meus braços.

Algumas vezes a nossa saudação tem sido assim, um bobo e uma louca, dois pombinhos na gaiola dos apaixonados, assim nos descrevemos. Não imagino a minha vida sem ela, a Branca é mais do que uma namorada para mim, ela é mãe, irmã, amiga, conselheira e tudo um pouco, o tipo de garota que alguns desejam ter, alguém que seja força, motivação, coragem, e acima de tudo, amor em pessoa. Faz 2 meses que estamos namorando, que até parece mais do que esse tempo.

Deixe-me contar, antes não tinha, ou melhor, nunca tive os olhos voltados nela, achava que era uma introneta, que só queria aparecer, ser conhecida por todos e tal, era aquela garota que participava em quase todos os debates, workshops e quaisquer actividades escolares ligadas à aprendizagem, comentava, questionava e até debatia com os colegas. Tudo isso e outros detalhes,

tornávam-na a senhora sabe tudo, há colegas que até diziam que ela era a neta de Platão, devido o ser que apresentava o mais engraçado - pelo menos para mim - era saber que não era ignorante nem antipática, meu, esta menina sempre foi simpática p'ra caraças. Todos os professores falam dela, pelo inúmero contributo nas aulas, foi dispensada em algumas cadeiras, quanto as provas trimestrais. Pelo jeito como me tratava e os conselhos que passava, sobretudo como encerrar a vida estudantil, tive que mudar o meu jeito de pensar e olhar para ela. A Branca era a minha esperança, isso mesmo. Eu não era daqueles aplicados, tem vezes que até matava aulas, mas graças a esta jovem, eu mudei p'ra valer e para o melhor, tornei-me assíduo, embora não como esta flor. O Borges mudou o rumo. Ela era como uma luz no fundo do túnel, aquela capaz de iluminar quando menos se espera, ja ouvi várias histórias sobre a esperança, todavia, parece que a minha foi totalmente diferente de todas, descobri que era verdade, a mulher em escolha, contribui muito para o nosso desenvolvimento humano ou destruição dessa condição em diversas formas, tal como aprendi com o escritor angolano Alberto Salembé, no seu livro "O QUE A MULHER NÃO FAZ NA VIDA DE UM BURRO?", se parece com um porto seguro ou tóxico. O ano lectivo havia terminado e segundo ano do Ensino Médio fechado, mas os contactos foram mantidos, aos poucos fui descobrindo que estava apaixonado, confirmei e declarei-me, foram três tentativas e só na terceira acertei, exactamente no último ano do Punível. Sou tão grato a ela.

Na tarde de hoje, sentados nos bancos públicos, juntos curtindo um pouco da suavidade do Largo da Independência - 1º de Maio, os carros buzina nas esquinas, peões caminham de um lado a outro, alguns voltando do serviço, alunos passam por nós com mochilas e batas, tivemos um dia daqueles repletos de emoções, vimos o festival de poesia do Movimento Literário Lev'Art, que teve lugar na Mediateca de Luanda, almoçamos no Skina Bar, estar ao lado dela foi a melhor parte de tudo. O clima está meio-frio por causa do Inverno, a tarde está morrendo dando lugar ao anoitecer, o relógio sobre o pulso marca 17h58min'.

— Eu precisava dizer obrigado! – Falei sorrindo.

— Pelo quê?! – Questionou-me sem rodeios.

— Por tudo e pelo pouco. – Respondi acariciando-lhe as mãos dela.

— Você sempre disse isso – Disse olhando para mim – E eu continuo dizendo que foi para valer, muita honra, sempre é possível existir uma semente frutífera no meio das infrutíferas.

— Eu sei, mas, ainda assim, acho insuficiente para descrever a minha gratidão!

— Meu amor, deixe para lá, o tempo sabia o que estava fazendo. – Falou sorrindo.

— É! Você tem razão, amo-te imenso, Branca, minha flor-musa. Não imagino a minha vida sem ti. Sempre foste e continuarás sendo a minha esperança.

— Amo-te, meu bobo! – Falou baixinho e deu-me um beijo rápido.



Sobre o autor

Sandro Sebastião, jovem artista angolano, nascido em 20 de Junho, natural da província de Luanda. Fazedor e apreciador da literatura, especificamente, poeta, escritor, declamador e resenhista. Membro académico imortal da ABC (Academia Brasileira

Camaquiana), académico da ALB (Academia de Literatura Brasil) e membro da BJLA (Brigada Jovem de Literatura de Angola). Tem textos publicados em alguns sites, tem participado em alguns projectos literários e é co-autor de algumas antologias, colectâneas e revistas internacional.

Informações de contactos

Endereço: Angola - Luanda

E-mail: escritorsandroarmandosebastiao@gmail.com

Telefone/Whatsapp: (+244) 933 628 160

Facebook Oficial: Sandro Sebastião

Facebook página: Sandro Sebastião Escritor

Recanto das Letras:

<https://www.recantodasletras.com.br/autores/sandroarmandosebastiao>



E.C.O.
NARCOTRÁFICO

CILIL ABRANTES

E.C.O.
NARCOTRÁFICO



CILL ABRANTES

No dia 14 de Junho, no terminal rodoviário de Canambua Malanje, cinco homens armados embarcaram no ônibus 8962 da Viacom, com destino para o terminal do Rocha Pinto em Luanda, às 9h00. Dois deles usavam ternos e gravatas azuis e brancos, e os outros três vestiam bubú (traje africano). Sua presença originalmente não causou nenhum estranhamento. Dois dos homens sentaram ao lado do motorista e começaram uma conversa sobre desporto. O terceiro sentou no último banco do lado direito, ligou os auriculares no seu telemóvel e colocou nos ouvidos. Os outros dois sentaram no meio, mas em lados diferentes.

O motorista do ônibus notou a forma errada de se vestir dos três que usavam bubú, já que eles usavam botas militares nos seus pés, o que considerou inusitado, este tipo de roupa é usado com sapatos sociais ou com sandálias artesanais. Um dos vigilantes do terminal ficou desconfiado ao perceber que o ônibus da Viacom ter arrancado 30 minutos mais cedo do não autorizado, então comunicou a direção da empresa a cerca do autocarro, a diretoria tentou entrar em contato com o motorista, mas não obteve sucesso e passou a vigiar o ônibus pelo GPS e pela câmara embutido na entrada do ônibus e comunicou à polícia local.

No Lucala, Kwanza Norte, os passageiros, vira uma viatura da polícia nacional na estrada, em vez do motorista abrandar quando solicitado pelos policiais, ele acelerou ainda mais o carro. Um idoso que fazia parte dos passageiros levantou do seu assento e indagou o motorista “porque não parou? Está acelerar por que”? Foi

quando um dos homens sentado na frente tirou a arma que estava apontando para o p nis do motorista e exibiu para todos os passageiros, dizendo “Ele não vai parar, isto é um sequestro, alguém tem mais uma pergunta   respeito? Então   melhor ficarem quietos, e a propósito eu não disse assalto, eu disse sequestro”.

Os outros quatro homens também revelaram que não eram passageiros, mas sim sequestradores que procuravam estabelecer uma troca de um único prisioneiro contra todos os ocupantes daquele  nibus. Eles haviam seqüestrado o autocarro porque a companhia transportadora pertencia   Batista da Silva, um coronel da polícia nacional e porta voz da polícia naquela província. O grupo achava que sequestrar aquele ônibus seria propulsores para m dia angolana e internacional.

Alberto João Zumba, mais conhecido por Mestre Gandula o líder do grupo, um not rio assassino, e os outros quatro membros do grupo exibiam armas de fogo e explosivos pela janela e anunciaram sua fidelidade ao V12 uma das maiores fac es criminosas do país e de toda região da SADC, exigindo a coopera o dos 26 passageiros e o motorista.

Os sequestradores tinham fuzis de assalto Kalashnikov (AK47), metralhadoras Uzi, pistolas, granadas de mão, dois pacotes de C4 e um rifle de precisão M16A.

Mais tarde, enquanto uma única viatura Toyota yaris da polícia nacional os perseguia (a mesma que os interpelou a três quil metros) os sequestradores abriram

fogo contra os policiais, obrigando os policiais a canselarem a perseguição. Minutos depois de a perseguição ser abortada, os homens colocaram um pacote de C4 no porta-embrulho e um pacote sob um assento no meio do ônibus, depois os conectaram com um fio detonador.

Durante a intimidação aos passageiros, os sequestradores sabiam que uma passageira do ônibus era à filha única de um Brigadeiro das forças armadas de Angola. A fim de forçar a polícia nacional a cumprir suas exigências, os sequestradores abordaram a menina de 16 anos e lhe disseram para segui-los até à porta de entrada do ônibus. Karina filha do então brigadeiro estava hesitante porque não sabia o que eles iriam fazer. Chegando à porta, Karina continuava implorando: “Não me mate, meu pai pode pagar o resgate, meu pai tem bastante dinheiro, ele é dono de uma rede de farmácia”. Perto da porta de embarque os sequestradores exigiram que Karina se apresentasse a diretoria da empresa de transporte por meio da câmara de segurança, onde já havia a coronel da polícia tentando negociar com os sequestradores.

Karina:

— Eles querem a liberdade de um dos líderes do seu grupo em 30min, ou vão matar dois de nós a cada 10 minutos de atraso.

A inspectora-chefe entra em contacto com Mateus Van Dunem, director dos serviços penitenciários de Luanda, passando-lhe todas as informações. Em resposta Sr., Van

Dunem diz que não podem liberar nenhum prisioneiro sem autorização do Ministro da Justiça ou do comissário da política nacional. A inspectora-chefe volta a ligar para os sequestradores para ganhar tempo e se possível uma nova negociação.

Passando 1h, Mestre Gandula ordena o motorista a abrir a porta frontal do autocarro e direciona a câmara para a porta e de seguida atira na cabeça da Karina fazendo com que o corpo dela rolê nos degraus da porta de embarque para fora do automóvel.

Mesmo depois deste incidente as autoridades policiais se recusam a concordar com as exigências dos sequestradores.

Passando 20 minutos depois do primeiro crime, os sequestradores seleccionaram Rebeca Baião, comerciante e em estado de gravidez avançada. Rebeca chorava amargamente e implorava para que não a matassem, clamando que estava em estado de gestação e que tinha filhos a criar sozinha, um deles de apenas um ano. Rebeca foi conduzida até a porta de embarque e foi morta a tiros, seu corpo caiu permanecendo dentro do ônibus, mas os sequestradores levantaram-na e jogaram para fora.

Depois deste episódio, Mestre Gandula acendeu o seu cigarro de liamba e se exibiu frente à câmara.

Duas horas depois, o motorista é obrigado outra vez à entrar em contato com a direcção de transporte com novas exigências:

“Libertam o líder dos V12 e coloquem dentro de um helicóptero dentro de 40 minutos ou vamos sacrificar mais duas pessoas”.

Todo este incidente a polícia convencional mantinha escondido da imprensa nacional. Mas passaram a aparecer notícias do que estava acontecendo dentro do ônibus nos canais de televisão, rádio e Internet. Lucrecia amiga e colega da Karina, que a acompanhava para a atualização do B.I. da Karina até Malanje, tinha um smartwatch no pulso e filmava tudo o que os sequestradores faziam dentro do ônibus, incluindo as mortes de Karina e Rebeca.

Com a notícia viralizada e inúmeros comentários negativos sobre a atitude da polícia frente aos sequestradores; o Ministro do Interior liga para o Comissário da polícia em Luanda para resolução imediata deste incidente. O Comissário foi forçado a fazer um vídeo nas redes sociais alegando que a polícia está fazendo o possível para a negociação de todos os passageiros.

Uma hora depois o ônibus dos sequestradores chega à N'dalatando capital do Kwanza Norte, e encontra a estrada barricada com policiais pronto para atirarem. Os sequestradores pegaram duas mulheres e colocaram na frente ao parabrisa, impedindo assim dos policiais fazerem qualquer acção na parte frontal do ônibus, ordenaram à todos os passageiros ficarem em pé frente as janelas e com as mãos sobre a cabeça, impedindo outra vez qualquer acção policial nas laterais do carro. Chegando perto de onde havia viaturas da polícia, os

sequestradores pediram para que o motorista parasse o autocarro e começaram a metralhar os veículos policiais. Com metralhadoras automáticas, fuzis de assalto e espingarda, os sequestradores tinha poder de fogo superior ao dos policiais, além do facto que os policiais não podiam contra atacar.

O ônibus parado a 30m das seis viaturas da polícia disparou mais de 1.500 tiros contra os veículos policiais, danificando todos os veículos e ferindo vários policiais, dois deles gravemente, onde um acabou por morrer no local e o outro no hospital (foi levado tardiamente no hospital, porque equipas médicas não podem entrar ao meio de fogo cruzado).

O ônibus passou sem dificuldade nos policiais e 4 km depois o líder dos sequestradores vai até a câmara de vigilância e comunica para a directoria da empresa de transporte, onde estava a inspector-chefe “isto é para vocês saberem que comigo não se brinca, e vou matar mais uma pessoa, para vocês aprenderem”. O líder faz o sinal e um dos sequestradores traz mais uma mulher, desta vez Aida da Cruz, uma senhora idosa de 63 anos, é colocada na porta de embarque e o líder ordena a abertura da porta, antes dos sequestradores atirarem nela, Aida se joga para fora do ônibus. Mestre Gandula, furioso por ver a senhora Aida escapar vai até a janela do autocarro e atira várias vezes com uma AK 47 contra a idosa enquanto ela rodava no chão totalmente atordoada.

A inspectora-chefe diz aos sequestradores que está em conversa directa com o comissário em Luanda, e ele está

disponível para negociações. Em resposta Mestre Gandula diz “você já sabem qual é a nossa exigência, não adianta rolar”.

— Sim nós sabemos e fico feliz por anunciar que já estamos a tratar disso. Em contrapartida, tens de libertar algumas pessoas para nós termos a certeza que vocês também estão dispostos a negociar.

— Okay, quem vocês querem que eu liberte?

— O comissário exigiu que os terroristas começassem a libertar crianças e idosos se quiserem que um helicóptero sai do aeroporto de Luanda para CCL (Cadeia Central de Luanda) agora mesmo.

— Terroristas!? Nós não somos terroristas. Não estamos aqui por motivos políticos, nosso objetivo não é fazer um novo governo, só queremos a liberdade do nosso líder.

O ônibus para, Gandula vai até os passageiros a procura de idosos e crianças. Olha para câmera e diz para a inspetor-chefe que está em Malanje:

— Temos aqui uma bebé, vou liberar ela, mas a mãe fica, e também há um idoso, vou ordenar os dois saírem.

— Como você vai libertar um bebé do colo sem a mãe? Com quem o bebé vai ficar?

— Okay está bem, vou liberar os três agora mesmo.

Um dos sequestradores pega na jovem senhora Helena e o outro no Sr António da Costa e os levam até a porta. A jovem senhora começa a implorar aos choros pela sua

vida. Gandula tenta sensibilizar Helena, mas ela reluta aos choros dizendo:

— Vocês vão me matar quando eu tentar sair daqui!

Por mais que os sequestradores tentam convencer Helena a sair do ônibus, ela nega. E isto rouba alguns minutos.

A inspector-chefe pergunta:

— Não acha que o tempo está a passar, quanto mais rápido você libertar mais cedo o helicóptero chegará lá na CCL?

— Está bem me deixa pensar. — Diz Gandula.

Dez minutos depois, diz para Helena: Okay vou liberar primeiro o velhote e vê se eu vou atirar nele ou não.

A porta do autocarro abre e ordenam que o Sr António desça.

— Viu? Eu não fiz nada pra ele. Agora é tua vez de descer.

O autocarro abre novamente e desta vez Helena desce com o seu filho ao colo.

— Muito Obrigada por cumprir com as suas palavras, agora é minha vez de fazer o mesmo. Vou entrar em contato com o comissário e dizer para prepararem o helicóptero, você cumpriu uma parte do acordo.

20 minutos depois.

Um helicóptero das forças armadas sai do aeroporto Quatro de fevereiro com destino à cadeia central de Luanda.

— Acabei de checar que o helicóptero já está no ar, tenho aqui o vídeo. Dá-me um número para que eu possa enviar o vídeo a você.— Disse a inspectora-chefe.

Gandula ordena para que um dos seus homens retire da mochila, um dos telefones apreendidos dos passageiros, que estão na posse dos sequestradores assim que eles anunciaram o sequestro.

Segundos depois, eles enviam o número do Whatsapp escolhido e recebem o vídeo da descolação do helicóptero. O que mete o grupo em euforia.

— Acabei de descobrir que há mais uma adolescente no ônibus, espero que a libertem.— Disse a inspectora-chefe.

— Não há mais nenhuma criança ou adolescente aqui.— Respondeu Gandula.

— Há sim, ela Chama-se Lucrécia. É só perguntares quem é a Lucrécia que ela vai aparecer.— Rebateu a inspectora-chefe.

Até que um dos sequestradores chega até o líder e diz “se eles querem que libertemos esta menina é porque ela deve ser alguém importante, devemos a manter junto connosco”. Mas Gandula já eufórico e agindo na maior emoção chama Lucrécia e pede para ela descer.

Lucrécia desce do ônibus sã e salva.

Enquanto um dos sequestradores via o vídeo da partida do helicóptero, cai uma mensagem pelo grupo do Whatsapp, ele abre a mensagem de vídeo, vê eles mesmo no vídeo e corre até o líder mostrando o vídeo. Depois de um minuto eles descobrem que a menina que eles acabaram de liberar estava os filmando através do seu relógio smartwatch. Gandula fica furioso e como retaliação diz “agora vou matar mais um” e atira na cabeça do Ibrahim Camarra, um cidadão guineense. Essa execução ficou apenas ao conhecimento da polícia e da direcção da empresa transportadora.

Na realidade, o comissário queria muito que a Lucrécia saísse daquele autocarro pelos vídeos Live que ela estava a fazer sobre os sequestradores.

Os sequestradores voltaram a fazer vistoria nos passageiros, procurando possíveis aparelhos eletrônicos. Descobrem que um dos passageiros tinha na carteira o distintivo policial. Eles o levaram até a porta e Gandula diz “então você é Bongô? Vai morrer hoje”, encosta a pistola no peito de Leandro e puxa o gatilho matando-o imediatamente.

Até este momento a SIC malanjina já havia se mobilizado até ao terminal rodoviário, obtendo o controle das câmeras de vigilância e etc.

O brigadeiro que teve a sua filha morta pelos sequestradores via que a polícia não conseguia resolver o problema, quis mobilizar as forças armadas angolanas para resolução do problema. Mas a lei angolana não

permite que soldados do exército façam atividades dentro do território nacional em época de paz.

Dois quilômetros depois de assassinar o policial, Gandula viu que a estrada estava deserta e desconfiando de uma possível emboscada, ordenou que o motorista seguisse outra rota, acabando por entrar na zona urbana.

Quando o ônibus estava trajetando no meio do bairro, eles passam em frente a um ônibus articulado LN17 (jiboia). Pedem ao motorista parar o carro e três deles descem, um com rifle de precisão M16A alvejado mortalmente o motorista do ônibus articulado LN17, os outros dois pedem para que todos desçam do primeiro autocarro e de seguida subam ao segundo ônibus, o quinto homem é o primeiro a subir no ônibus maior e faz vários disparos dentro do ônibus, intimidando os novos passageiros. O motorista liga o carro e segundos depois eles ativam uma das bombas c4, explodindo o primeiro ônibus.

Neste ponto, os sequestradores começaram a atacar os passageiros do autocarro LN17; havia dois policiais civis no autocarro, uma Call-center e um paramédico. Os sequestradores forçaram o paramédico, Daniel Dombele, a implorar no microfone. Através de Dombele, eles exigiram que, a menos que a polícia liberasse não só o líder da facção V12, mas também cinco outros membros do grupo para decolarem antes das 16h30m, eles matariam um passageiro a cada 5 minutos, começando com Dombele. Eles ameaçaram atirar nele e jogá-lo para fora da porta. Quando as 16h30 passou o prazo, os

sequestradores atiraram no paramédico e jogaram seu corpo para fora.

O brigadeiro das forças armadas que teve sua filha morta pelos sequestradores entrou em contacto com o Ministro do Interior o convencendo de usar outros meios de defesa para acabar com o vexame, evitar mais mortes e ter a vida da sua filha vingada. O Ministro do Interior, convencido, entrou em contato com o responsável da polícia especial luandense para mobilização da sua unidade no caso (incidente).

Às 17h, policiais do ESQUADRÃO DE COMBATE E ORDEM (E.C.O.) embarcaram a partir de um helicóptero militar Mil mi24 a partir de sua base em Luanda até a província do Bengo. O E.C.O. esteve 15 minutos dentro de um autocarro articulado semelhante, usando para familiarizar-se e atacar o autocarro seqüestrado.

16h50, os sequestradores selecionaram duas freiras e por meio de videoconferência com o comissário da polícia e o chefe de guardas prisionais de Luanda despiram as roupas das freiras e as abusaram sexualmente em frente de todos os passageiros do ônibus. O Secretário da Polícia Militar sabendo de tudo por meio do brigadeiro, disse ao comissário da polícia que a polícia militar e as forças armadas angolanas o responsabilizariam pelo resultado se não o autorizasse a intervir na situação. O comissário sentiu-se entre a espada e a parede “ou liberta seis prisioneiros ou deixa o incidente nas mãos de outra polícia”.

Pouco antes das 18h, José Pimentel, o comissário da polícia, permitiu o E.C.O. assumir o controle da situação.

Os guardas prisionais com autorização do seu subsecretário escoltaram seis prisioneiros da cadeia central de Luanda até o helicóptero AW-119 KX que os aguardava. Os prisioneiros partiram de Luanda para Bengo ao encontro dos sequestradores. O plano dos sequestradores era para os prisioneiros se juntarem a eles dentro do ônibus enquanto ainda existiam vários passageiros dentro, impedindo os policiais de agirem ou os seguirem, encapuzando todos os passageiros incluindo os líderes do seu grupo e liberar em ruas de difícil acesso.

Não havia combustível suficiente no tanque do ônibus para chegar a Luanda, então uma parada de reabastecimento foi programada nas bombas de combustível de Maria Teresa, Bengo.

O autocarro se aproximou de Maria Teresa durante os primeiros minutos das 18 horas. Os sequestradores não sabiam que o E.C.O. liderado pelo Major Marcos Xavier, já estava em Maria Teresa, tendo voado de Luanda para uma esquadra policial perto de Maria Teresa, e planejava invadir o ônibus enquanto ele estava em Caculo Cahango. A equipe do E.C.O treinou a entrada no autocarro articulado Marcopolo antes do LN17 chegar a Maria Teresa.

O autocarro estacionou às 18h23min. A bomba de gasolina estava escura, só havia as luzes do LN17 e de vários carros policiais. Os sequestradores ao saberem da presença de policiais, começaram a disparar

metralhadoras automáticas em direção aos veículos policiais (uma forma de dizer "nem tentem agirem").

Xavier planejou parecer conciliador e prolongar as negociações o máximo possível, tudo isso para que nos bastidores o E.C.O. preparar-se o máximo possível. Ele acreditava que os sequestradores estavam cansados, então planejava desgastá-los.

Xavier.

— Meu nome é Marcos e sou o delegado da polícia local, vou entrar no ônibus totalmente desarmado para negociar com vocês.

Gandula.

— Nós não precisamos falar nada contigo, só queremos abastecer e sair daqui.

Xavier.

— Sei muito bem como vão as coisas e eu posso acelerar o processo.

Gandula.

— Como!?

Xavier.

— Deixa-me primeiro entrar. Eu tenho novidades para você.

Gandula.

— Eu não confio em você! Diga primeiro o que tens de novo!

Xavier.

— Um helicóptero policial modelo AW-119KX partiu de Luanda há uns 15 minutos e chega daqui há pouco. Aqui tens o vídeo no Tablet, e podes conferir a presença de todos os 7 que o senhor pediu em resgate. Agora posso entrar?

Gandula.

— Está bem, mas terá uma arma na cabeça e qualquer gracinha você já era.

Depois de 10 minutos dentro do ônibus, Xavier diz à Gandula:

— Os passageiros estão exausto, principalmente os do primeiro ônibus, vou providenciar comida e água para eles, aliás, para todos vocês.

Enquanto o Major Xavier estava dentro do ônibus com os sequestradores, o helicóptero AW-119KX fez o pouso na bomba de combustível, os sequestradores ficaram eufóricos e cantaram VICTÓRIA.

Novamente Xavier disse que os prisioneiros só sairiam do helicóptero caso Gandula concordasse em hidratar os passageiros, e liberar os que tinham problemas de saúde. Sem pensar duas vezes Gandula concordou.

O tempo todo que Xavier negociava com os sequestradores a equipe E.C.O. já estava no local e pronto para atacar.

Os negociadores atrasaram mais um pouco o ultimato dando comida e água adicionais aos passageiros, encheram o tanque do ônibus e vários outros pedidos. Os agentes do E.C.O. que serviam no ônibus estavam disfarçados de policiais convencionais. Eles descobriram que as portas do autocarro não estavam armadilhas, mas elas só abrem a partir de dentro, o que iria atrasar todo o seu plano, até que Dárcio Vasconcelos, recém-integrado na equipa disse que ele já trabalhou como motorista de ônibus e por coincidência nesta mesma agência de viagens, conhece uma maneira de abrir as portas a partir de fora.

Dárcio Vasco'celos diz para seus colegas:

— Ao lado da porta de embarque há uma pequena tampa que parece “tampo do tanque de combustível”, abrindo a tampa há uma pequena alavanca que ao girar para direita e depois puxar, à porta principal do ônibus vai abrir.

O ESQUADRÃO de COMBATE e ORDEM equipado com dispositivo de visão noturna plantou dispositivos de escuta quando os três membros da equipe estavam dentro do ônibus para identificar o principal sequestrador que era Alberto João Zumba “Mestre Gandula”.

Xavier teve a brilhante ideia de entregar aos seis prisioneiros que estavam dentro do helicóptero receberem roupas civis.

Mwanza disse aos criminosos que estavam no helicóptero ao lado:

— O Alberto mandou entregar a vocês essas roupas civis para vestirem e assim se misturarem no meio dos outros passageiros. Mas quero vos dizer algo “não importa aonde vocês vão se meter e quanto tempo levar, nós nunca vamos descansar até encontrar vocês e quando isso acontecer eu vou estar lá, e meter uma bala em cada um bem na cabeça, vocês são os responsáveis pela morte, aliás, pelo massacre de 10 pessoas hoje”.

O que os prisioneiros não sabiam é que as roupas oferecidas estavam equipadas com GPS.

Os prisioneiros foram escoltados do helicóptero até o ônibus e oito passageiros com problemas de saúde saíram em troca.

O jovem que abastecia o autocarro (agente E.C.O. disfarçado) deu sinal de que o tanque estava cheio e o ônibus podia partir rumo à Luanda.

As viaturas policiais que estavam à frente da saída das bombas de combustível abriram passagem.

Houve cantos de Vitória e abraços entre os sequestradores e os prisioneiros recém-livres.

Assim que o ônibus chegou na parte estreita da saída, o veículo blindado do E.C.O. fechou a saída.

Assim que os sequestradores notaram a presença do carro de combate se movendo em direção a eles, reconheceram o assalto iminente. Pela janela do ônibus, um sequestrador disparou contra o parabrisa do veículo da equipe E.C.O.

O veículo blindado fez marcha ré e posicionou a sua lateral esquerda frente ao ônibus e Ice uma agente da E.C.O., através da janela posicionou-se com uma M16A e atirou nos faróis do ônibus, estilhaçando o asfalto, o que acabou furando os dois pneus dianteiros do autocarro.

Com o local totalmente escuro a equipa E.C.O. saiu do veículo pelo lado direito em formação de combate, Gil Martins que era o primeiro homem da fila atirou nos outros pneus traseiros; quando o grupo chegou na porta do autocarro, Dácio Vasconcelos o segundo da fila abriu o tampo que se encontra ao lado da porta e puxou a alavanca, resultando a porta abrindo por completo. Após atirarem granadas de fumaça o E.C.O conseguiu entrar no ônibus. Os sequestradores responderam ao fogo, atacando as forças do ESQUADRÃO DE COMBATE E ORDEM. Um sequestrador foi morto instantaneamente. Os dois grupos trocaram dezenas de tiros. As granadas de concussão do E.C.O cegaram temporariamente e ensurdecaram os ocupantes, permitindo que o esquadrão atacasse o ônibus.

Ice (Gelo em português) que estava dentro do carro blindado, subiu no teto com um rifle de precisão M16A e

ficou de tocaia como franco-atiradora, com visão infravermelha conseguiu perfurar o crânio de um sequestrador. Mas a correria dentro do ônibus impossibilitou Ice a fazer outros alvos.

Xavier líder do grupo, seguindo o procedimento de emergência quebrou a segunda porta e rastejando ajudou várias vítimas a saírem dentro do ônibus.

O tiroteio durou mais quatro minutos e dez dos agora 12 sequestradores estavam mortos, um dos sequestradores pegou um passageiro como recém e o usou como escudo humano, obrigou Mwanza a abaixar a arma ou iria puxar o gatilho na região occipital da cabeça do passageiro, Mwanza fingindo que estava abaixando a arma, prestou atenção nos movimentos do sequestrador e quando notou relaxamento dele, usou a sua MP7 eliminando-lhe em fracção de segundo.

Alberto João Zumba, líder dos sequestradores, pegou na sua granada, abriu o pino e meteu a mão na cabeça do motorista. Caso os policiais o matassem, ele deixaria cair a granada e levar consigo mais vidas. Essa atitude obrigou Mwanza e Dárcio a recuarem. Mas o que ele não sabia era que Ice silenciosamente entrou na última porta do autocarro e vinha atrás de si. Ice chegou e agarrou fortemente a única mão de Zumba com as suas duas mãos contra a cabeça do motorista, impossibilitando Gandula de largar a granada, Gandula com a outra mão livre puxou uma sabres pronto a ferir golpes para Ice, Dárcio levantou a sua arma que estava no peito e fez um tiro certo na

cabeça do Alberto João Zumba, encerrando a invasão que durou menos de 15 minutos.

CONTINUA...

Baixa o livro completo no site da **ÀS DE COPA**

Sobre o autor



Cill Abrantes, pseudónimo de T. Sebastião, nasceu no bairro Prenda, em Luanda no dia 01 de janeiro. Passou grande parte da sua infância no bairro Rocha Pinto até se mudar com a família para o Golfe 2.

Frequentou o ensino médio na escola Monte Sinai 2040.

Mergulhou pela primeira vez no mundo literário aos 10 anos, adaptando o poema de Martin Luther King “Eu tenho um Sonho”. Gostou do que fez e nunca mais parou. Gosta de ler de tudo por um pouco, excepto livros de autoajuda, escreve de tudo por um pouco, principalmente terror e ficção científica.

É membro fundador da **S.E.A.** e do Sector SE7E. Foi ele quem criou a **ÀS DE COPA**, mas deixou o cargo para outro membro.



VICTÓRIA TOMBOKO

O AMOR É UMA MIRAGEM



VICTÓRIA TOMBOKO

Conheci um rapaz numa sexta feira à tarde. Quando o vi, me encantei logo com o jeito dele, andar confiante, olhar meio sonolento, cabelos escovinho com três linhas na lateral esquerda da cabeça, e um sorriso tímido que se aproximava a cada passo dado por ele. Paixão à primeira vista?

Passei a pensar nele, tudo que fazia ou via me lembrava daquele rosto lindo. Com o tempo passei a senti-lo, como se estivesse ao meu lado. Era amor com certeza.

Sou uma jovem do interior com um sotaque forte do Sul, filha de pais separados, aliás, nem cheguei a conhecer a minha mãe, sabia quem era somente pelas fotos que meu pai me mostrava. Nem sabia se ela ainda seria assim.

Ela me deixou aos cuidados do meu pai quando eu ainda era uma bebê de quatro meses. Desapareceu sem deixar notícias, para onde foi, o que foi fazer, enfim, meu pai lutou muito para me criar neste mundo muito machista por um lado e muito feminista no outro.

Hoje, sou crescida, graças ao esforço de meu pai, pois a pressão que ele recebia dos holofotes da vizinhança era uma tortura psicológica, perdeu o bom emprego para cuidar de mim, e no qual ele foi aceite mal dava para pagar os meus estudos. Um pouquinho mais crescida as despesas cresceram e ele precisava trabalhar muito para poder dar um mínimo de conforto.

Inacreditável, quando completei 12 anos passei a receber mesada vinda da minha mãe, nem um telefonema, nem uma visitinha e nem outra coisa. A mesada que ela enviava era em dinheiro ao vivo dentro de envelope. Não posso reclamar

pelo menos ela contribuiu em pagar o meu estudo até me formar na faculdade, vim para a capital para estudar na universidade estatal, dali ela passou a pagar o arrendamento até me formar.

Depois de me formar, imediatamente a mesada vinda dela foi cortada. A carta que meu papai recebeu dela explicando a razão, por eu ter atingido maioridade e me formado na universidade. Nem acreditei.

— Ordinária! – Foi à primeira coisa que pensei.

Pois, ainda me faltava arranjar um emprego, porque me formar não me garantiria um emprego de imediato, e até voltar a morar com meu pai que se casara novamente ficava difícil. Eu conseguia trabalhos temporários, graças ao pequeno curso de aptidão profissional de corte e costura que fiz.

Eu me sentia um fardo para meu pai.

Os dias de Julho fazia muito frio com ventos gelados através da corrente fria que o nosso país recebe. Parecendo lâmina no rosto, mas aquele dia estava diferente, um raio de sol entrava pela janela, das frestas das persianas fechadas.

Eu ainda convalescia de uma bronquite adquirida pelas noites mal “*dormidas*” para fazer trabalhos escolares, estudar para as provas e defender tese.

Estava na janela, desolada, sem forças, mas então vi um sol radiante, abri as persianas e o calor era contagiante, várias pessoas passeando no calçadão de frente da minha janela,

com seus filhos, seus cachorrinhos e então decidi sair para tomar um pouco de sol.

Agasalhei-me e saí com uma roupa amena e um suéter com cachecol. O vento ainda estava lá, não podia correr o risco de um resfriado, pois ainda não estava de todo curada.

Não sou tão frágil como pensam, sou até bem-apegoado, com uma altura de 1,73 meu peso é de 70 kilos, pareço uma modelo iniciante, faço gimne moderado regularmente, sou uma aspirante à atleta de andebol. Ainda uma amadora.

Sentei-me num banco vazio, o que achei uma sorte, já que o calçada estava cheio de pessoas, estava eu apreciando o movimento quando sinto um perfume suave, mas também firme, e me viro, meus olhos fixaram naquela pessoa linda, o rosto me parecia familiar, mas não a conhecia.

Sei que senti atração de imediato. Ele veio andando como se flutuasse ou câmera-lenta, tão leve, cabelos escovinho ondulados com aquelas três linhas na lateral da cabeça, e vinha na minha direção. Fiquei em stop quando ele se vira para me encarar os olhos, sorrindo.

Os seus olhos... Tinha uma cor castanha, mudando para um pequeno tom dourado brilhante tímido, diferente de todos os olhos que já havia visto. Então ele se senta no mesmo banco.

Aí se abaixa para pegar uma mala desportiva que estava debaixo do banco. Eu não havia percebido quando me sentei, agora ele está abrindo a mala e retirando uma raquete e a bola de ténis, já falando:

— Vim entusiasmado para uma partida de ténis contra o meu amigo, marcamos para nos encontrar aqui, mas a quadra já está ocupada com estes jovens que não os conheço, fui dar uma volta para ver se o encontraria, felizmente o encontrei lá na pista de skate. Portanto, aqui estou com esta pasta pronta a carregar.

Dito isso, ele foi arrumando a sua bolsa, e me convidou a se juntar a eles para uma partida.

— Desculpe, nem me apresentei, sou Rodrigues, moro na vizinhança desde que nasci, e você?

— Jurelma, vim para a capital estudar – falo meio envergonhada, pois, meu sotaque sulista é muito forte.

Nesse momento eu já estava de quatro, literalmente, paixão à primeira vista.

“A paixão é um sentimento avassalador, não escolhe o momento e nem pessoa, local então nem se fala, simplesmente explode no interior, trazendo à alma e ao coração, um calor jamais sentido”.

Ele me olha num jeito estranho, e pediu:

— Qual seu nome de carinho?

— Ema, respondo.

Estranho mesmo ele pedir meu nome de casa, mas, como pareceu satisfeito fiquei quieta.

Neste exato momento apareceu aquele carrinho de pipocas, na velocidade da luz pediu logo duas embalagens e

estendeu um na minha mão. Pitiscamos a pipoca que estava quentinha e espalhava o aroma doce para o ar. Tudo em silêncio.

De repente me deu vontade de me abrir, então passei a contar sem sentir:

— Foi minha mãe que escolheu esse nome, desde que eles namoravam ela dizia que se tivesse uma filha gostaria que se chamasse assim, e quando minha mãe ficou grávida começaram as complicações na relação deles, no final da gravidez minha mãe desapareceu da vista do meu pai até depois de dar a luz, e com apenas quatro meses de vida fui abandonada, não pelo meu pai, mas pela minha própria mãe, ela me deixou com o meu papai, sumiu e nunca mais apareceu. Mas, quando eu cresci e cheguei na adolescência, ela começou a enviar depósitos como mesada, o que meu pai estranhou, pois ele procurava contacto com ela. A senhora que me deu a luz nunca respondeu às cartas que eu escrevia e endereçava para o escritório onde ele trabalhava. Agora me formei, então a mesada parou de vir. Estou quase em apuros, pois as economias estavam se acabando e estou de licença, por causa da bronquite.

Ele escutou em silêncio. Logo ajeitou tudo dentro da mochila para se despedir, porque eu neguei o seu convite. Então eu peço que ele me acompanhe para que ele conheça a rua onde eu moro.

Ele me seguiu em silêncio e subiu a rua. Eu morava uma rua após a avenida principal, o meu bairro é uma colina e vivo quase na base, talvez 50 metros dela e é na base onde passa a avenida. No meu quintal havia quatro anexos, onde

morava um casal, um senhor separado de nacionalidade estrangeira, os donos da casa e eu.

Minha casa consistia em um quarto único, o banheiro era compartilhado, a minha casa adaptei em ser uma cozinha pequena e uma sala, que durante a noite transformava em quarto. Janela grande e gradeada que arejava o ambiente e dava a vista para baixo. Meus pertences eram de livros, alguns certificados de mérito nos concursos de arte e costura, uma única medalha de andebol quando chegamos numa final e infelizmente à perdemos, uma arara de roupas, uma mesa e cadeira.

Enquanto andávamos para lhe mostrar o meu portão... Acabamos por chegar até em casa, ofereci outro convite para entrar e ele aceitou. Ele olhou tudo, e logo se despediu prometendo voltar.

A partir de então, eu passo a sonhar com esse dia, e tudo que faço é pensando nele, até meus sonhos eram dele. Só de pensar nele, idealizando um futuro juntos, melhorei o meu desempenho no andebol, sendo vista pelos olheiros que me convidaram a participar dos províncias, e ganhei até um contrato com uma empresa para eu desenhar e costurar os seus uniformes, e assim passaram-se dois anos.

O nosso clube disputava a semifinal do campeonato nacional, se nós conseguirmos chegar à final seríamos chamados para o continental, pois duas equipas de cada país são chamadas.

Quero muito participar no campeonato continental, quero a medalha de ouro, é uma meta para poder merecer o amor

dele. Quero estar pronta para esse dia, ele terá orgulho de mim.

Estou morando num lugar melhor, mais sossegado e mais seguro. Mas, mantive o contacto com a antiga casa em dia, pois era ali que o Rodrigues me procuraria, seria um ponto de encontro, e o senhorio estava avisado, quando ele me procurasse, o dono me ligaria e eu viria correndo. Ele nunca me procurou.

O grande dia chegou, estávamos na liga continental, embora raras vezes eu entrava na equipa inicial, mas era sempre seleccionada em todos os jogos como substituta, eu queria dar o meu melhor. Num piscar de olhos chegámos à final continental contra a outra equipa nacional. Por esta razão os jogos aconteceram aqui no país, o jogo de ida foi na casa do adversário a poucos quilómetros da nossa sede, e o jogo de volta e decisivo aconteceu o nosso estádio. Nem percebi quando entrei em campo substituindo minha colega e quando entrei o desempenho melhorou, estávamos no podium, vencemos a final, levantamos a taça continental.

— Ouro – Pensei feliz, quando recebi a medalha e peguei no troféu, nem acreditei.

Estava tão eufórica, sorri para as fotos, e corro o olhar para a multidão, procurando alguém especial, meu pai. Esse senhor vale mais que o ouro que recebi hoje, sempre me apoiou, torceu e incentivou.

Vi uma miragem à minha frente, um raio de sol iluminou a minha visão, Rodrigues estava lá, logo atrás do meu pai, ele abraçado numa senhora e sorrindo para mim. Meu coração

errou o compasso, faltou ar nos meus pulmões, senti um aperto na alma estava chorando sem perceber, a emoção de vê-lo foi tão forte. Meu pai aplaudia e sorria também.

Peguei na medalha e no buquê de flores que todas nós recebemos, e fui correndo na direção dele, abracei e chorei ainda mais, logo Rodrigues veio até mim, sempre abraçado da senhora. Meu pai olha para trás e leva um susto, reconheceu a senhora sorridente. Vou ao vestiário confusa, deixando-os para trás, tomo uma ducha gelada para refrescar a memória e a emoção, me visto e saio para me encontrar com eles, quero esclarecer tudo. Meu coração não para de bater forte, mau sinal.

Quando chego até eles, descubro através de meu pai, que ela é a minha mãe. Só não entendi a ligação dela com o Rodrigues. Meu pai então chama o Rodrigues pelo nome e me apresenta como meu irmão.

— Irmão?

O meu mundo se quebrou em mil pedaços. Chorei outra vez, um desespero tomando conta de mim. Olho para minha mãe, ela abaixa o olhar, sem nada falar.

— Ordinária – Meu pensamento foi crucial, então corri sem ver para onde estava indo. Deixei todos para trás. Meu mundo, quero que fique aí, no passado.

Como pode ser isso?

Eu o amo há tanto tempo, minha paixão, meu mundo, meu amor. A pessoa que me dava impulso para seguir em frente “era meu irmão”.

A verdade que, ao deixar meu pai para trás ela não confessou que já era casada, conheceu meu pai, uma pessoa meiga e compreensiva, enquanto o verdadeiro marido dela estava em viagem de trabalho, no meio de tumulto que era a vida dela de casada, teve momentos de paixão, sem consequências, e quando se viu encurralada na situação de estar grávida de outro homem enquanto o seu marido está no exterior em missão de trabalho por um ano e seis meses. Ela conheceu meu pai pouco antes da viagem do marido e três meses depois da viagem ela ficou grávida de mim, depois de cálculos, o seu marido voltaria após eu ter nascida e já com seis meses de vida.

Quando eu tive quatro meses de vida e faltando apenas dois meses para o seu marido voltar, ela decidiu me abandonar nas mãos do meu pai, fez algumas cirurgias e exercícios rigorosos para apagar todos os vestígios que ela se tornará mãe recentemente. E logo que o esposo chegou, fugiu para o seu colo.

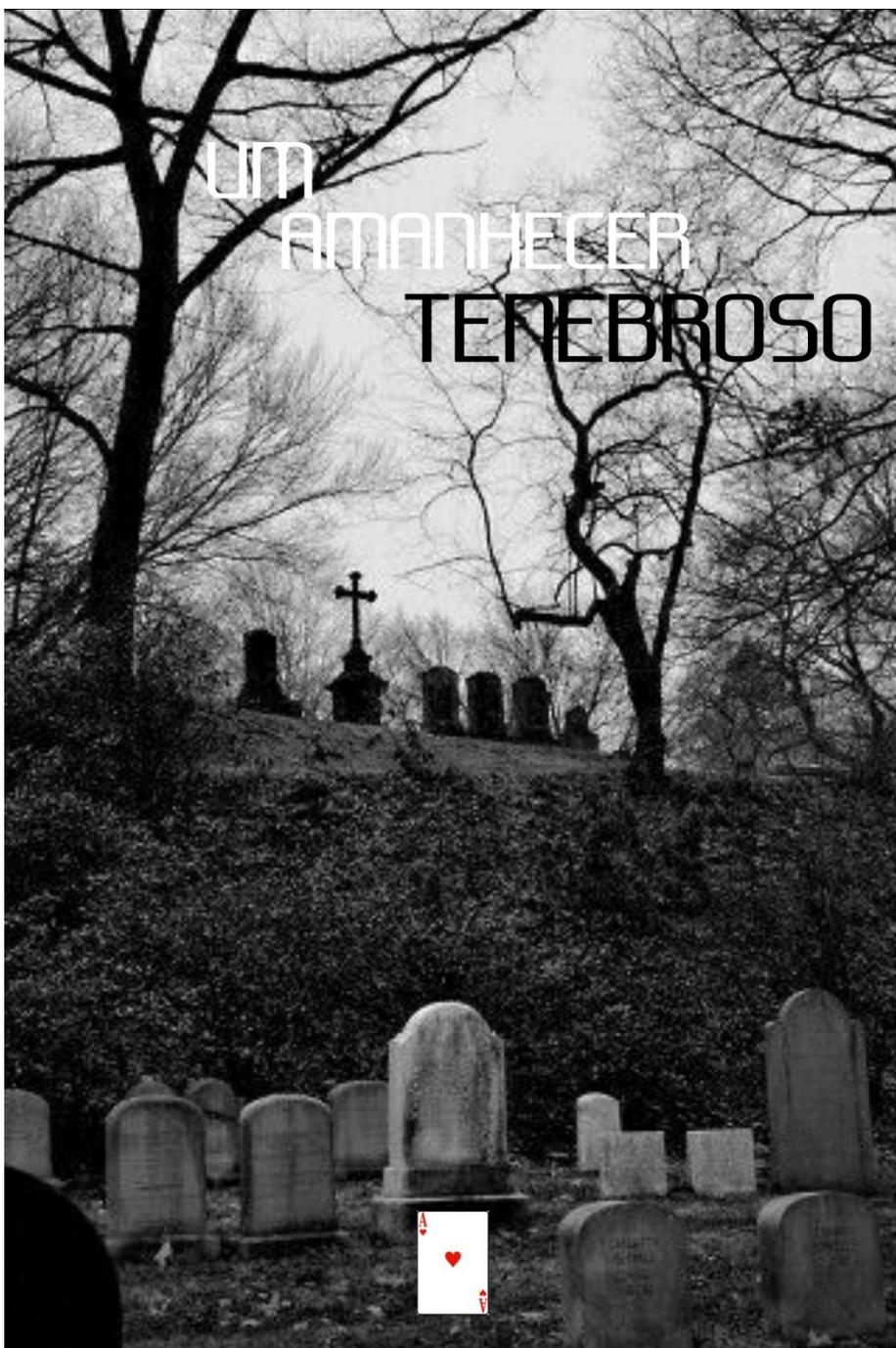
Quero seguir em frente, esquecer, mas está tão difícil.

O homem que eu amo é meu irmão.



Sobre a autora

Victória Tomboko nasceu em Kinshasa na actual R.D.C., filha de agricultora e de um soldado do exército, Victória cresceu praticando actividades geralmente feitas por homens. Ela acha que já viveu muita coisa em pouco tempo de vida, por isso quer contar todas as suas experiências por escrito.



IDIURO SEIBASTLÃO

UM AMANHECER TENEBROSO



DIURO SEBASTIÃO

Isto, que talvez pareça a muitos uma fantasia, é um fato real, sucedido há muito, muito tempo. Vinha raiando o dia: a manhã era muito fria, o céu nublado parecia até que estava prestes a chover se não fosse estarmos neste mês de Julho.

Pela estrada de terra batida, no interior do Uíge, ia seguindo, a galopar largo, na sua motorizada vulgo «Kupapata», um empregado de padaria, encarregado da distribuição dos pães a vários fregueses moradores além do cemitério daquele bairro da província do Uíge.

Habitado a esse trajeto matutino, o bom rapaz nem se dava por achado com os contínuos solavancos de seu veículo, e, como se estivesse reclinado no mais macio de todos os coxins do Oriente, dava largas à imaginação, e ia com seus castelos no ar prelibando o favo de mel de uma vida toda de abundância, que sonhava passar quando chegasse a ser o que mais pode ambicionar um entregador de pão, quando chegasse a ser dono de uma padaria... Quantos planos! Que futuro tão dourado pela fagueira esperança!

De repente, souo-lhe aos ouvidos uma pergunta, feita em voz um tanto rouca:

— Kia mbote, nki ntangu bena?

Arrancado tão bruscamente de sua profunda meditação, o empregado da padaria voltou o rosto para o lado de onde vinha a voz, viu que ia passando na frente do cemitério, e sentiu um calafrio correr-lhe pela espinha dorsal.

— Lusadi su n'kundi ame? — Tornou a dizer a voz.

E o vendedor de pão verificando no relance de olhos que esta pergunta lhe era dirigida por um lívido indivíduo, que ia saindo de uma sepultura, deu um grito de terror, mas a voz continua o atormentar:

— Lusadi su kwa zangula cemitério fulu a lufua.

Saltou da carrocinha e deitou a correr como um perdido até a casa do patrão, onde chegou mais morto que vivo.

A alma do outro mundo era um indivíduo dado à embriaguez, residente no mais longínquo bairro do Uíge, que, na tardinha do dia anterior, fora levado ao cemitério pela excitação do álcool. Ali, deitara-se na borda de um carneiro vazio, adormecera sem que ninguém se apercebesse disso, e, durante o sono, caíra dentro duma cova, onde continuou a dormir até o alvorecer. Então, já livre dos vapores do álcool, mas ainda sem consciência de si, despertara e ia saindo da ‘cama’, quando viu o empregado da padaria, e lhe perguntou que horas eram.

E, segundo parece, o homem do triciclo nunca mais tornou a passar por ali, com medo do ressuscitado.



sua vida PESSOAL.

Sobre o autor

Diuro Sebastião é co-fundador da editora **ÀS DE COPA** e actual C.E.O. Em 2015 entrou no mundo literário escrevendo os micro-contos A.B.A.: IMORTAL. Nas horas vagas gosta de ver filmes e séries.

Algo muito importante
NÃO GOSTA de falar sobre a

O HOMEM QUE EU DEIXEI



LUÍS ABRANTES

O HOMEM QUE EU DEIXEI PARA TRÁS



LUÍS ABRANTES

Deixei o meu marido porque ele é um pobretão. Minhas amigas e minha família foram o trampolim para isso.

Tenho dois filhos com ele e já não aguentava mais as tamanhas necessidades que estávamos a passar. Então me divorciei dele porquê estava tão dolorido o nosso casamento.

Eu fui embora com as crianças.

Pouco tempo depois passei a trabalhar arduamente para atender as minhas necessidades e dos meus filhos.

Trabalhava tanto, mas não era o suficiente. Para atender as crescentes mudanças económicas, conheci um homem rico.

Ele é rico sim. E eu não me importei. Eu precisava pagar pensão pelos meus filhos como uma mulher forte e independente. Tive que provar para todo o mundo que é possível. Então estava a namorar um homem rico e casado.

Eu agora sou uma mulher chique.

Então passei a pensar na vida e nas coisas que eu tinha com meu ex-marido. Certo dia levei pessoalmente as crianças para o verem e vi como ele estava e no que tem e porque é que as tem.

Hoje nem sequer questiono a moralidade ou os bens materiais. Eu passei a entender porquê. Talvez elas também tenham filhos. Bocas para alimentar, vida para viver.

Ainda não faz sentido.

Então eu liguei para o homem casado quando ele estava em casa, e ele esconde-se para gritar comigo por querer

perturbar a paz dele com a sua "esposa" como eu deveria saber quando ele está em casa.

Lembrei-me das minhas dores. Pensei no meu consolo.

Pelo menos tinha um marido que era totalmente meu. Ele não era completo, mas era totalmente meu. Então tentei descobrir o que se passa com ele agora, mas ele está casado novamente com uma outra mulher mais nova.

“Pelo menos tinha um marido que era totalmente meu. Ele não era completo, mas era totalmente meu”.

Depois de eu voltar a fazer contato, ele vem visitar a mim e as crianças. Ele deixa cair algum dinheiro de vez em quando. A nova esposa esta no comando agora...

Eu me agasalho nos velhos tempos. Até fizemos sexo. Ele parte para a sua casa para a sua esposa. Agora estou a namorar dois homens casados. Ambos estão traindo suas esposas.

O que eu digo agora? A vida não foi justa comigo. Por pior que isto possa parecer, não acontece só comigo. É a realidade do nosso tempo.

Pessoas sábias aprendem com os erros dos outros.



Sobre o autor

Luís Abrantes, jovem escritor angolano natural do Sambizanga. Além de amar a escrita é palestrante, gamer e proprietário do estúdio Sector Se7e.

RECOMEÇO



VIVIANE TOMLÁS

RECOMEÇO



VIVIANE TOMÁS

Joaquim saiu cedo para o bar deixando Liedson e eu em casa. Duas horas depois, Joaquim voltou com uma garrafa de bebida na mão, totalmente bêbado e descontrolado, ele gritou comigo, exigindo que eu lhe desse dinheiro para comprar mais bebida.

— Eu não tenho! — Falei.

Exaltado ele levantou a mão e me golpeou com um murro no rosto, eu caí no chão. Joaquim grita e me chuta, eu me encolho no chão. Nosso filho escuta e logo vem correndo com seu cofre de gesso nas mãos, ele chora sem parar e fica em minha frente, estende suas mãos para o pai e lhe oferece seu cofre com as poucas moedas que juntou.

— Tome, volte para o bar! — Liedson fala chorando.

Joaquim puxa o cofre das mãos do nosso filho de cinco anos e sai batendo a porta. Liedson e eu ficamos ali mesmo no chão, eles me abraça e me beija.

Essa foi a última vez que vimos Joaquim. Fiz as malas, peguei na mão de Liedson e fomos embora para casa dos meus pais. Dois dias depois recebi a notícia que Joaquim foi brutalmente assassinado depois de participar de uma briga no bar. Agora somos apenas Liedson e eu, e quanto vida eu tiver nenhum homem jamais irá me bater, e meu filho nunca mais irá presenciar tamanho desrespeito, violência e dor.



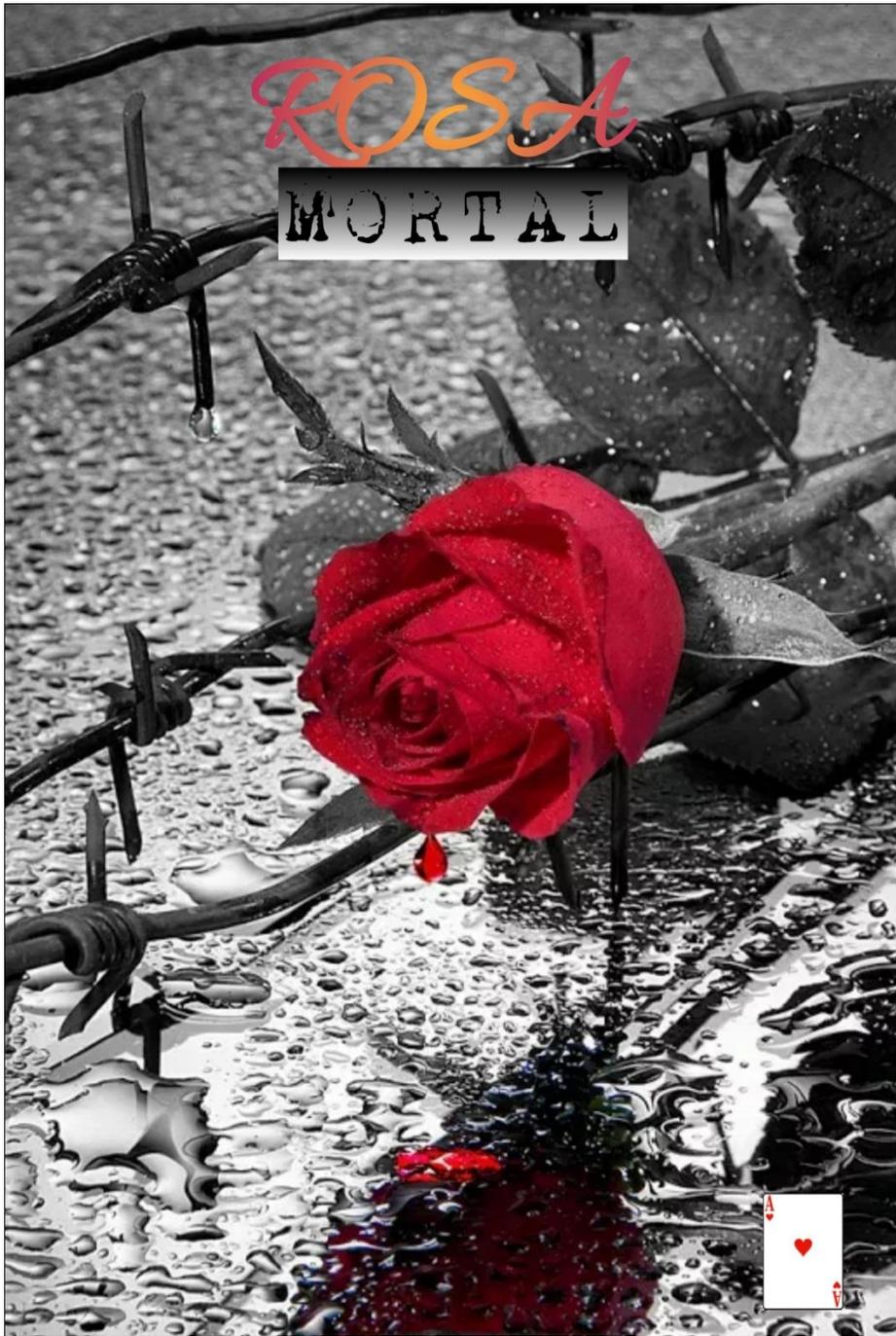
Sobre a autora

Viviane Tomás

nasceu aos 21 de março de 200# em Luanda Angola, tão cedo migrou para Lisboa_Portugal. Actual residente na freguesia de Oeiras em Lisboa. Considera-se mais poetisa do que romantista, embora escreva nos dois lados.

A ideia de escrever veio de uma hora pra outra.

Em 2020 na época do confinamento foi-lhe oferecida um livro para ler como desafio, na época a poetisa não tinha o hábito de leitura, gostou tanto do desafio e quando chegou ao fim do livro fez da leitura seu novo lazer. Em 2022 começou a escrever poemas e participou na primeira coletânea de contos da **Editora Às de Copa**.



BRUNO BRAÚLIO

ROSA MORTAL



BRUNO BRAÚLIO

A senhorita Amélia I... residia numa pequena casa de campo. Apaixonada pelas flores, como todas as pessoas de sua idade, pois tinha 19 anos, possuía um jardim onde não cessava de fazer ramalhetes.

Um dia, na forma de seu costume, foi ao jardim, onde o seu primeiro movimento foi colher uma rosa para pôr na cabeça, não deixando de cheirá-la primeiro. Seja porque a aspiração tenha sido muito forte, seja porque aproximou demais a rosa do nariz, Amélia sentiu uma espécie de titilação que, infelizmente para ela, não foi suficientemente forte para fazê-la espirrar. Segundo a declaração do Dr. T. I..., seu tio, um espirro lhe teria salvado a vida.

O fato é que ela não fez caso do sucedido. Todavia, alguns dias depois, passou a queixar-se de uma violenta dor de cabeça. Começou a não poder dormir, sofrendo dores atrozes. Muitos médicos foram chamados, dizendo uns que era uma congestão cerebral e outros um derramamento no cérebro.

Assim se passaram seis meses em cuidados inúteis da parte da família e de sofrimento da parte da infeliz jovem que, no fim dos seis meses, perdeu o juízo. Foi preciso forrar as paredes e pavimentos de seu quarto com colchões, porque ela, em seu desespero, queria quebrar a cabeça. Até mesmo a sua cama foi retirada, pois, com ela, a moça poderia realizar o seu funesto desígnio.

Ao final, morreu.

O seu tio pediu e obteve autorização de seu irmão para fazer a autópsia.

Abrindo-se a cabeça, observaram-se algumas alterações, mas nada oferecia os sinais característicos da doença que os médicos diziam ter ser sido a causa da morte de Amélia.

Quebrou-se o crânio!

Um grito de horror escapou de todas as bocas. O mistério tão procurado, o mistério que acabara de enlutar a família, estava ali... Vivo, andando e fugindo!

E o que era?

Era uma aranha gorda, toda negra, coberta de sangue e tendo ainda nas pernas restos dos miolos, alimento de que se nutrira desde que penetrara na cabeça da infeliz jovem, no dia fatal em que esta aspirou a rosa que lhe devia causar a morte!

(adaptado) Bruno Bráulio



Sobre o autor

Bruno Braulio, sem fotos, sem comentários, sem estresses. I live in the dark part of the underworld shadow.

COMO TE
RECONQUISTAR?



ZMI MONTEIRO

COMO TE RECONQUISTAR



ZM MONTEIRO

Oi, meu nome é Elisabeth, mas todos me chamam de Betty, sou luso-angolana nascida em Lisboa, 1,60m de altura, cabelos moreno longos porquê meu pai era negro nascido em Angola, ele dizia que Malanje sua terra natal é a melhor de Angola, minha mãe é embaixatriz de Portugal em Angola, por isso vim para cá viver junto à minha família, meu pai morreu quando eu e minha irmãzinha eramos pequeninas. Hoje tenho 17 anos e minha irmã também tem 17, pois somos gêmeas. Eu e ela somos muito próximas uma da outra, praticamente somos melhores amigas. Apenas temos olhos diferentes, os dela são castanhos escuros como os do nosso pai e os meus claros como os da mãe.

Estou no último ano do ensino médio no curso de Gestão e Administração Empresarial, a minha irmã faz o curso de música.

Tudo estava para terminar, o ano lectivo, o mandato de minha mãe na embaixada, pois sua aposentadoria chegaria em breve, minha mãe estava com 45 anos de idade e disse que largaria a vida política depois daquele ano. Estávamos pensando irmos para o Canadá, diz-se por aí que é o melhor país no mundo para se viver, então a gente teria que esperar apenas o ano terminar, seria o nosso último natal em Luanda-Angola, mas aí eu conheci um rapaz no último semestre. Sinto que ele não devia estar aqui, mas sei que minha vida não seria a mesma sem ele por perto. Estávamos no melhor colégio privado de Luanda, senão do país inteiro, ele era pobre e não podia pagar, mas por sorte ingressou na faculdade por concorrer a uma bolsa de estudo que ele conseguiu com muito esforço.

Não era para gente se ter conhecido, mas um dia desses nos esbarramos no corredor da Biblioteca, eu ia atrás da minha irmã que não aparecia, porque estava de pegadas com um namoradinho, e o nosso motorista não quis retornar para buscá-la depois de me levar, ou íamos as duas ou ninguém ia. Então furiosa fui a todo vapor para encontrá-la e dar um sermão nela, foi quando houve a colisão contra o Victor, derrubando tudo que havia em suas mãos. Eu gritei com ele e o tratei mal, gritei, denegri e saí andando. Por fim encontrei minha irmã mais nova beijando um (garoto) rapaz na Biblioteca, acho que era seu coleguinha de estimação, fiquei fudida com ela, enquanto a mesma sorria quando se despedia dele, por fim fomos todos para casa.

Eu nunca mais deixei de pensar nele, Víctor é mestiço, tomou por completo todos meus pensamentos, mas eu já tinha um namorado, o idiota do Gelson, ele nem se quer é bonito e nem nada, mas foi o único que teve coragem de me encarar e paquerar naquele lugar inteiro, sei que sou meio ríspida e Gelson era um delinquente, aos poucos desistiu da escola para se dedicar ao mundo do crime, eu nunca me envolvi com ele, e isso teve consequências catastróficas, mas isso eu conto com mais detalhes nas próximas páginas...

Cidade Universitária-11 de novembro, Luanda (casa de Victor).

07h45min Sapú 2 (Ulengo Center)

— Tropa – gritou Helder Alfredo depois de entrar no quarto de Victor. Helder é um jovem de pele parda, penso que

também é mestiço como o Victor, só não sei de onde são seus pais, falando do seu pai, ele é um empresário riquíssimo.

— Daqui a pouco termina o ano, restam apenas algumas semanas e podemos ir para faculdade _ falou enquanto largava sua mochila no colchão e deitou-se nele.

— Pois é! – respondeu Victor Manuel com sua toalha azul enrolada à cintura vindo do banho.

Victor é o rapaz mais bonito que eu já vi, tem o tom de pele mais claro que o meu, e tem um corte de cabelo loiro incrível, é mais alto do que o Helder que era mais alto do que eu, ele vivia com a sua Tia e a Prima.

— Estudei tanto pra isso, só espero que uma das minhas candidaturas para bolsa no exterior seja aceite – falou enquanto vestia a boxer sem retirar a toalha e continuou falando.

— Se eu não for aceite, estou lixado.

— Relaxa rapaz! Vai dar tudo certo, além do mais meu pai pode dar um jeito – Falou Hélder jogando a camisa de Victor que estava na cama depois que ele havia colocado as calças.

— Tens razão mano, eu mereço mesmo uma bolsa. – Rebateu Víctor depois de colocar um laço vermelho que o deixava mais elegante combinado com a calça preta e camisa branca.

— Meio que isso me preocupa você não teve namorada nem apenas um caso com algumas garotas que se jogam em você a toda hora... Você é um tremendo molenga.

— Você sabe melhor do que ninguém, que a prioridade é os estudos e depois vem o resto, distorcendo a Bíblia eu digo “primeiro buscai a formação e todas as outras coisas virão de borla” – Sorria com vontade ao olhar para cara do Helder que também ria.

— Oh meu puto estudar puto não impede ninguém de ter pelo menos uma Muchachita (a tia de Víctor usava esta expressão para se referir a namorada). Ou fica com uma garota lá da Igreja ou aqui do teu bairro, ainda existem as miúdas da minha banda – Diz o Hélder gesticulando para ele que se virou e começou a caminhar.

— Estou a bazar – pegou sua mochila e saiu do quarto

— Estas a fugir seu burro de merda –

Hélder saiu do quarto e foi recebido pelo olhar reprovador da tia Dorcas que não gostou nada daquela conversa.

— Bom dia Tia – Cumprimentou envergonhado.

A tia apenas deu de ombros e saiu andando.

— Mano estão a te chamar – Correndo para dentro, anunciou Emília, a prima de Victor.

Emília era uma garota de 18 anos, escura como Victor, mas tinha um cabelo crespo enorme.

— Emy! Quem me chama? – Perguntou Víctor se ajeitando e passou a mão por sua barba e começou a ir em direção a saída da sala que era pouco iluminada e mobiliada.

— É a Joice mano – respondeu sorrindo depois de ver o semblante de desembaraço do seu primo.

— Diz para ela ir embora tá? – Respondeu com arrependida revirando os olhos. – Idiota, você vai fugir então até quando mano? – Perguntou Emy que já sorria alto demais.

— Respeita-me sou teu mais velho miudinha.

Dando uma olhada em Emy, Víctor gesticulou para ela sair e ir enxotar Joice.

Victor é apenas um ano mais velho que a Emília, eles tinham um bom relacionamento e conversavam como se fossem amigos.

Cidade Alta, Mutamba-Luanda (Casa de Elisabeth e Elisaura).

— Eu não consigo parar de pensar nele – Disse Betty enquanto rolava na cama e lia seu romance predileto “Entre o Amor e a paixão” de Gisele de Assis.

— Quem? O seu namorado Ordinario? – Perguntou a irmã enquanto tentava escolher a peça de roupa que iria vestir, ou melhor, trocar com a roupa decente que usaria apenas para entrar na escola e ir ao banheiro trocar por aquela que ela estava escolhendo.

— Não sua boba, não é o Gelson, mas sim um cara loiro – Betty tentava descrevê-lo quando foi interrompida por sua irmã gemêa.

— Você só pode estar falando do gato do Victor! Oh meus Deus! Você tem um bom gosto, mas parece que escolheu a pessoa errada.

— Por quê? Ele tem namorada? – Perguntou triste, temendo a resposta de sua irmã.

— Não é isso, só me parece que ele não gosta mesmo de pessoas do nosso género, sabes? Mulher – Diz a Isaura para Betty com um olhar inquiridor – É que nunca o vi dando bola para nenhuma rapariga que se lançam aos seus pés, como Barty por exemplo.

— Não Isaura, não quer dizer que ele não goste de mulheres – revirou os olhos e colocou sua mochila amarela em seus ombros e saiu do quarto.

— E o que te garante que ele vai olhar para ti? Uau parece que hoje alguém decidiu vestir para ser notada – Deu um assobio seguido de uma risada depois de ver sua irmã saindo gingando pelo corredor que leva a escada que liga ao andar de baixo.

— Vamos logo sua sonsa se não ainda chegaremos atrasadas.

Sáimos de casa no carro preto conduzido pelo chofre e segurança nosso.

Cidade Alta, 1º de Maio-Luanda, Colégio San-José António.

— Perceberam o que acabei de dizer? – Perguntava o professor querendo saber se eles haviam percebido tudo acerca do projecto de fim do curso.

— Claro professor - Respondeu Ana, a colega irritante.

— Sonsa – Falei sem pensar e desta vez foi alto demais.

Ana me olhou com ódio levantou-se de sua carteirinha e se virou para mim vociferou:

— O que foi que você disse sua vagabunda?

Com cara de quem ia explodir, Ana me atacava com palavras pejorativas ao que dei de ombros e apenas ignorei.

— Muito bem, Ana, Elisabeth, Nelson e Víctor farão parte do primeiro grupo, enquanto o resto da turma vai formar grupo ao seu belo prazer – Falou irritadíssimo o professor.

Eu fiquei pasma, não por fazer parte do mesmo grupo que ela, até porque eu a podia ignorar, mas eu vi pela primeira vez Víctor na minha sala de aulas, ora que eu nunca o tinha visto antes de nos esbarramos no corredor, e depois disso acabei descobrindo que esteve ao meu lado o ano todo! Também não tinha como eu saber, ele chegava sempre antes de mim e saía depois, eu nunca olhava para quem ficava atrás de mim sempre que chegava à sala.

— Isto não é justo professor – resmungou Ana fazendo beicinho e cruzando os braços.

— Estarei ansioso para ver em primeiro a apresentação do vosso projecto, estão dispensados – Finalizou o professor.

O professor arrumou suas coisas e saiu, enquanto eu permanecia petrificada pensando no que havia descoberto.

— Pessoal vêm todos aqui e vamos combinar os detalhes – Nelson Quitari, o mais baixo do grupo e concerteza o mais Angolano entre todos nós, ele dizia ser bakongo genuíno, negro e se vestia de maneira bastante peculiar.

— Por tua culpa o professor gritou comigo – Disse a Ana enquanto chegava perto de minha carteira me acordando do transe.

— E o que eu tenho haver com isso? – Perguntei me fazendo de desentendida ignorando-a completamente.

— Então meninas, nem é pra tanto. – Apaziguar disse o Nelson.

Nelson tentava amenizar as coisas e logo recebeu um olhar reprovador de Ana Lucia, Nelson se encolheu depois disso.

— Legal – Finalmente Víctor disse alguma coisa – Quero que vocês prestem muita atenção – Deu uma pausa, olhou demoradamente para nós duas que retribuímos logo e continuou: – Este será o projecto que definirá minha classificação final e não estou disposto a não apresentá-lo porquê vocês estão de briguinha, ou resolvem tudo ou estão fora do projecto – Falou e saiu andando.

Odiei o tom autoritário dele falando comigo daquele jeito.

— Espera – Fiz sinal para ele parar – Farei tudo certo para o bem do grupo e aviso para que nunca mais volte a falar comigo desse jeito, você entendeu? – Ele fez que sim com a cabeça.

Saí dali andando me sentindo uma campeã.

— Elisabeth espere, ainda não combinamos o local - Gritava Nelson.

— Será em minha casa, amanhã às 16 horas. – Respondeu Ana Lúcia saindo da sala.

Ainda bem que eu pude ouvi-la dizer que seria em sua casa, assim poderei aparecer na elaboração do projecto.

— Só espero que ela esteja lá – Victor falou passando a mão em seus cabelos depois de me ver desaparecendo pela porta da sala.

— Estou esperando por você á uma eternidade, o que você está fazendo aqui se todos já saíram da escola? Atravessando as filas de carteiras, Helder vinha ao meu encontro – estávamos combinando acerca do projecto final – Victor colocou sua mochila e começou a andar ignorando Helder – vamos indo então – franziu o cenho e seguiu correndo atrás de seu amigo, alcançando-o no corredor -..

— O que foi maninha? – perguntou Isaura depois de ver a cara de fúria de sua irmã – nada, não se passa nada – passou ignorando todos que ali estavam ao que sua irmã seguia correndo – como assim nada? Eu te conheço e sei quando algo está errado com você, somo gêmeas lembra? – alcançando-a tentava fazer a irmã falar, Betty nem ao menos olhava pra ela – me deixa em paz Aura, por favor, me deixa estar – entraram no carro e não falaram nada durante o percurso até minha casa.

Cidade Universitária-11 de novembro, Luanda (casa de Victor).

17h45min Sapú 2 (Ulengo Center)

— Boa Tarde Tia. – Cumprimentou entrando na sala onde sua tia via a novela Rebelde Rio sentada no sofá.

— Boa tarde filho tudo bem? E como correram as aulas? – Sem tirar o olho do ecrã conversava com Victor.

Foi boa tia – Sentou-se à mesa para almoçar.

— Vai lavar as mãos e só depois volta a pegar na comida.

Ele se perguntava como ela sabia o que ele fazia sem mesmo tirar os olhos da Tv – e leva sua mochila no quarto – acrescentou ela tirando toda vontade de Victor que pegou sua mochila e foi direitinho para o quarto.

— Estás meio distante, o que foi meu filho? – Perguntou a tia Cleide depois de invadir o quarto de Victor.

— É que ainda consigo a ouvir gritando por ajuda, naquele beco escuro e imundo – Falou ainda com os olhos fechados imaginando a noite em que basicamente salvou uma jovem de um suposto estuprador.

— Você consegue ver ela? – Perguntou a tia Dorcas.

— Não, estava muito escuro, mas eu conheço uma garota no colégio e desconfio que era ela.

— E por que você acha ser essa tua colega? – Fala ainda parada em pé junto do colchão onde Victor descansava.

— Quando ela fala consigo ouvir a voz angustiada daquela noite e nunca me esquecerei de seu cheiro.

— Isso parece ser muito forte, vou deixar você sozinho agora o intervalo da minha novela já deve ter terminado – Saiu correndo para sala.

Victor ria da disposição da tia para ver TV parecia que ela nunca iria se cansar.

Cidade Alta, Mutamba-Luanda (Casa de Elisabeth e Elisaura).

— Mãe! – Admirou Elisaura ao adentrar a casa e ver sua mãe nela.

— Boa tarde meninas. – Respondeu sorrindo e abraçou Isaura.

— O que a senhora faz aqui a umas horas dessas?

Betty ignorava a presença de sua mãe que ainda estava com as mãos levantadas esperando-a para um abraço.

— Lembrei que tenho uma conversa pendente com minha filha querida, então decide voltar mais cedo – Respondeu dona Maria Celeste que cozinhava alguma coisa.

— Que tédio – Disse Betty.

— Não se trocar e desçam para almoçar.

Saíram andando, as duas para cima, e dona Maria percebeu que elas demoravam um pouco, espreitou colocando a cabeça para dentro e perguntou:

— O que vocês vão querer, mufete ou arroz com três leite?

— Eu vou querer Arroz. – Respondeu Isaura que usava um short jeans escuro e um babydoll branco.

— E você Betty? – Perguntava a dona Maria olhando para Betty que lia seu livro “Contacto as vidas de Sophie”.

— Uma pizza e uma cerveja gelada, por favor.

Sem tirar os olhos do livro tentava de todo jeito irritar a mãe que empurrou a porta e pegou no livro de Betty levando-o para a sala onde todas se sentaram e começaram a comer.

— O que você fazia sozinha de noite naquele bairro imundo?

Betty parou de comer e ficou mais séria do que já estava.

— Estava voltando para casa.

A mãe fez sinal para Betty continuar.

— Eu estava caminhando com Gelson e...

Antes de terminar foi interrompida pela mãe que parou de comer e soltou os talheres na mesa fazendo um barulho notável.

— Quem?

— O namorado dela – Comendo Elisaura ainda comendo.

— Se ela continuar a tentar minha paciência eu paro de contar mãe – Ameaçou olhando com raiva para irmã que sorria para ela.

— Já não está aqui quem falava – largou também os talheres levantando as mãos como se estivesse negando algo.

— De repente ele começou gritando comigo por eu nunca ter retribuído toda a atenção que ele me dá e tentou violentar-me. – Deu uma pausa fechando os olhos.

— Graças á Deus um rapaz apareceu e ajudou ela – Mais uma vez Isaura se intromete onde não era chamada.

Você sabe dizer quem é esse rapaz que te ajudou? -
Perguntou a mãe.

A esta altura já ninguém comia, apenas conversavam.

— Não sei mãe, estava um forte breu e ele perseguiu o Gelson depois de derrubá-lo, e eu sai correndo temendo o regresso dele.

— Um herói anônimo – disse Isaura olhando para lugar algum com cara de quem viu um anjo.

— E onde mora aquele rapaz, o tal do seu namorado? – perguntou irada – Precisamos encontrá-lo e puni-lo.

— Eu não sei mãe – chorando respondeu Betty.

— Como assim não sabes? – levantou-se da mesa muito chateada pela imprudência de sua filha.

— Eu o namorei apenas por impulso, eu não me importava com ele ou onde morava – Betty pranteava enquanto sua mãe a olhava com reprovação.

— Você foi muito irresponsável filha, a partir de hoje você não poderá sair mais a não ser que esteja indo para escola.

Cidade Alta, Hotel Miramar-Luanda

— Vamos para biblioteca do meu pai. Disse Ana.

Ana abriu a porta principal recebendo seus colegas e levando os para biblioteca, não sem antes reparar Betty de baixo para cima.

— Legal esse lugar aqui – Nelson ficou admirado ao adentrar a biblioteca com os muitos livros.

— Acho bom que a gente faça o projecto passando na casa de todos os membros do grupo.

Cruzando os braços Betty ficou com ciúmes porque os rapazes estavam exaltando a casa da Ana.

— O que você quer dizer? – Perguntou envergonhado com medo de levar aquela gente rica para sua casa.

— Traduza – falou Ana que a esta altura se sentou na poltrona no centro da biblioteca.

— Que dividamos os dias de trabalho nos movendo de uma casa para outra.

Todos a olharam com estranheza, mas, deram de ombros e começaram a preparar os materiais que iam usar.

— Eu tenho todos os livros sobre Direito Empresarial – falou o Nelson colocando os na vasta mesa vintage que ali se encontrava.

— E eu o conteúdo sobre Empreendedorismos e criação de empresas – desta vez era Victor mostrando no seu tablet.

— Eu tenho tudo o resto de que a gente vai precisar – Ana limpava as unhas enquanto gesticulava com as mãos mostrando a imensa biblioteca.

— E eu tenho a ideia perfeita, uma empresa que recicla materiais reutilizáveis.

Concordando todos, começaram a trabalhar até que terminou o horário combinado. Já estavam todos de saída até que:

— Posso perguntar algo? – Victor perguntou á Betty quando estavam dentro do elevador.

— Não, você não pode, nos vemos amanhã.

Depois que a porta se abriu Betty saiu andando.

— Espera, espere só um pouco, por favor – implorava Victor indo atrás dela.

— O que você quer? – Betty gritou ao perceber que ele não ia desistir.

— Você não se lembra de mim?

— Não, eu não conheço você, vê se deixa em paz – Vociferou Betty.

Betty que saiu andando, entrou no carro do seu motorista e guarda costas e se foi embora.

Cidade Alta, Mutamba-Luanda (Casa de Elisabeth e Elisaura).

— Oi filha – Dona Maria falou quando viu a filha atravessar a porta da sala de estar e indo em direção as escadas ignorando de novo sua presença.

— Oi mãe, vou para cama – Respondeu sem interromper os passos e Elisaura seguiu-a até o quarto.

— Que bicho te mordeu maninha? – Perguntou Isaura depois de fechar tranquilamente a porta do quarto.

— É o idiota do Victor – Repondeu de olhos fechados, Betty tinha largado sua mochila no chão e se jogado na cama.

— Quem é ele? É bonito? – se deitando na cama perto da irmã Isaura a afagava mexendo nas suas mechas de cabelo.

— Não é da sua conta – suspirou ela e bateu na irmã com uma almofada.

— Você está com medo que eu o pegue para mim? Ou está com ciúmes – Isaura debocha da irmã sorrindo divertidamente.

— Vai dar uma volta em Dubai e vê se, se enxerga tá? – Betty respondeu asperamente tentando conter uma gargalhada daquelas.

— Então me apresenta ele – Isaura provocou.

— Você está louca? Nem sonhando – Betty se levantou e foi tirar a roupa para entrar no banheiro e tomar uma ducha.

Isaura seguiu-a até a porta do chuveiro e falou:

— Não vou roubar ele de você pode ficar descansada.

O que Isaura viu foi uma toalha viajar a velocidade da luz e atingir sua cara.

— Vamos falar de outra coisa – Falou Betty que já estava ficando mais calma debaixo do chuveiro que derramava água fria em seu corpo cansado.

— Eu vou para cama, continuamos amanhã – Bocejando Isaura respondeu visivelmente sonolenta.

— Bons Sonhos maninha – Ainda no chuveiro Betty respondeu e Isaura foi para sua cama e dormiu rapidinho que nem um anjinho.

Cidade Alta, 1º de Maio-Luanda, Colégio San-José António.

— Você se atrasou de novo – Victor resmungava ao ver Helder chegar.

— Sem estresse rapaz, quem anda comigo anda no tempo certo – Helder sorriu e terminou de atar seu calçado para Educação física.

— Parvo – Victor atirou o uniforme com número 11 para seu amigo.

— Nós vamos a igreja hoje Irmão – Helder anunciou para o amigo que ficou boquiaberto.

— O que? – Foi a única reação de Victor.

— Que mal tem? A gente só vai à casa de Deus – Movendo as mãos Helder revirou os olhos castanhos vendo a reação do amigo.

— Tudo bem então Santo Helder – Victor Sorri debochando de Helder que corria atrás dele quando o professor chegou e Victor foi até onde Betty estava.

— Olá – Victor disse para Betty que nem se deu o trabalho de olhar para ele.

— Você me ignorou hoje pela manhã – Resmungou Betty.

— Não vi você – Mentiu Victor.

Na verdade viu ela mais a ignorou, era uma das técnicas que estava aprendendo com Helder para conseguir a garota dos seus sonhos.

— Também não estou te ouvindo – Betty colocou os fones de ouvido e copiava os movimentos do professor de E.F – quero que, por favor, você leia esta carta, nele escrevi o que não consigo dizer pessoalmente e estendeu as mãos entregando um papel branco – tudo bem, agora me deixa em paz – Betty recebeu a carta e saiu do grupo para guardar em sua pasta, minutos depois tinham terminado a E.F., e todos foram para casa.

Cidade Alta, Mutamba-Luanda (Casa de Elisabeth e Elisaura)

Isaura investigou um pouco e descobriu quem é o Victor. Isaura entrou na cozinha e abriu a porta do frigorífico, Betty já estava nela preparando um lanche quando interrompeu a respiração ao ouvir a revelação da irmã.

— Você o acha fofinho? – Betty corou.

— Sim, eu acho, só não entendo o que você está esperando para dar em cima dele – Encontrando o que procurava Isaura deu uma colherada do seu mais precioso gelado de menta e morango que retirou do frigorífico.

— Não sei, ele me deu uma carta hoje e disse que eu precisava ler – Betty respondeu meditativa.

— Você me deixa ver? – Isaura perguntou bastante interessada.

— Acho que nunca vou abrir ela – Betty respondeu.

— Me deixa ler, por favor.

Isaura suplicou com um brilho nos olhos e Betty acabou cedendo, as duas correram para o quarto e Betty pegou a carta da pasta e deu para irmã que abrir.

Cidade Universitária-11 de novembro, Luanda (casa de Victor).

— Confirmei a minha sexta namorada – Helder entrou no Quarto do Victor que se encontrava no computador.

— Não brinca, você precisa mesmo disso? – Victor perguntou dando uma volta na sua cadeira rolante.

— Eu não sonho com uma princesa e nem em contos de fadas, acordo e vivo a realidade – Sentou-se na cama do Victor.

Helder colocou as mãos entre a nuca e fechou os olhos e acabou confessando que escreveu uma carta para ela contando tudo que sentia dentro da alma, de como desconfia

que a salvou naquela noite e o que sente por ela desde que a viu pela primeira vez.

— Foi o melhor a se fazer, daqui a pouco termina o ano lectivo e com certeza vocês dois seguirão caminhos diferente – Helder sentou-se na cama e retirou do bolso seu celular.

— Tens razão, a próxima semana será apresentação do projecto final e tudo terá terminado – Victor falou triste.

— Porque que você não encara ela e diz tudo que sente? – Perguntou olhando para o amigo que estava visivelmente abatido.

— Ela estará aqui em casa amanhã e depois de amanhã – Deu uma pausa para ver a cara de espanto que o amigo fez e continuou. — Claro que é para elaboração do projecto – Explicou ele. Falarei com ela de uma vez por todas.

O último dia da elaboração do projecto foi na casa do Victor e todos membros do grupo lá estavam.

— Prazer em conhecer todos vocês – Tia Dorca dizia para os meninos depois que eles iam saindo.

— Adorei sua comida Senhora – Nelson sorria enquanto elogiava tia Dorca.

— Obrigada e voltem sempre que quiserem.

Nem todos gostaram da da hospitalidade ou sequer da casa da tia Dorca.

— Vamos sair logo daqui, esse lugar é nojento – Exclamou a Ana.

Ana olhava com ar de repugnância e seguido por Nelson subiram em seu carro e se foram embora.

— É o que você achou – Victor perguntava para Betty que ia em direção ao seu guarda costa que a esperava em pé usando sem habitual terno preto.

— Adorei, foi maravilhoso, há muito que já não me divertia assim – Respondeu sorrindo, interrompendo seus passos que foram se tornando mais lentos.

— Minha tia tem um bom sentido de humor.

Parou e ficou olhando para Betty que respondeu.

— Ela é gente fina – Sorriu.

— Posso te dizer algo? – Victor perguntou olhando para o lado.

— Claro, o que foi? – Descontraída Betty se dispôs a ouvi-lo.

— Acho que você tenta parecer forte e durona, mas, no fundo você é sensível, amorosa e alegre...

Betty o interrompeu enrugando o rosto.

— Aonde você quer chegar com esta conversa? – Perguntou zangada.

— Eu amo você – Victor deixou Betty sem reação.

Arregalando os olhos ela desviou o olhar e falou:

— Você acha mesmo que eu ficaria com você? Pobre e desgraçado! Vai sonhando Victor.

Escondendo o rosto Betty se virou e começou a caminhar novamente.

— Posso parecer louco ou pobre, mas, eu amo você e sempre vou amar.

Em meio a lágrimas Victor ficou ali parado olhando para o chão, enquanto Betty que também chorava entrou no carro e foi-se embora.

Ilha do Mussulo-Luanda (Casa de Helder)

— Finalmente falei pra ela tudo o que sinto – Desabafou Victor para Helder.

Victor conversava com Helder descontraidamente enquanto jogavam videogame.

— E o que ela disse? – Helder colocou pause no jogo e mostrou-se interessado.

— Jogou em mim outro balde de água fria, disse que eu era pobre e que a gente não ia ficar juntos nunca.

Helder deu de ombros e sorriu.

— Deixa estar, mais tarde ou mais cedo ela vai vir atrás de você. – Retirou o pause do jogo e marcou um golo ao Victor.

— Trapaceiro – Resmungou.–E se ela não vier – Perguntou ele.

— Confia em mim, ignore ela por um tempo e você verá os resultados.

Os dois continuaram jogando PES 2020 e falavam de tudo um pouco.

Cidade Alta, Mutamba-Luanda (Casa de Elisabeth e Elisaura)

— O que foi agora? – Isaura perguntou ao adentrar o quarto e ver a irmã ouvindo “Te esperando”, musica de Luan Santana.

— Victor disse que me ama. – Betty respondeu chorando.

— Isso é bom certo? – A irmã confirmou com a cabeça.

— Então porque você esta chorando? – Sentou-se perto dela e abraçou-a.

— Eu o ofendi e rejeitei a declaração dele – Respondeu sem olhar para irmã.

— Você esta ficando louca? – Isaura não podia acreditar na idiotissime que a irmã fez.

Fui muito dura não fui? – Interrompendo os choros perguntou.

— Você é uma completa idiota – Ralhou a irmã.

— Por que você disse isso? Você nem conhece ele – reclamou Betty.

Isaura sugeriu a Betty ler a carta do Victor. Atirou a carta ao colo de Betty que de imediato começou a ler.

— Foi ele que a salvou naquela noite. – Isaura continuou falando.

— Eu não sabia – Betty falou depois de enxugar as lágrimas.

— Com certeza ele já não vai querer saber de mim, eu o perdi para sempre. – Betty desatou a chorar novamente.

— A culpa é toda sua – Isaura falou – Mas não quer dizer que está tudo perdido, fale com ele e admite que você estava errada – Isaura abraçou a irmã consolando-a.

Cidade Alta, 1º de Maio-Luanda, Colégio San-José António.

— Porque eles não disseram uma só palavra desde que chegaram? – Nelson cochichou para Ana.

— Não faço ideia, só espero que eles se empenhem na apresentação do projecto – Ana ignorava-os completamente.

Passado 13 minutos o professor apareceu e todos se aprontaram para apresentação do projecto. Lá também estavam os pais e encarregados dos finalistas.

— Oi, podemos conversar. – Falou Betty atravessando o caminho de Victor e o impedir de passar.

— O que você quer? – Victor perguntou friamente.

— Apenas conversar – Falou ternamente.

— Não temos nada para conversar – Victor desviou-se e começou a caminhar.

— Mas eu tenho algumas coisas para te dizer – Betty parou novamente diante dele.

— E aí! Você vem ou não? – Hélder apareceu impedindo Victor de ceder e conversar com Betty e foram-se ambos embora.

Cidade Alta, Mutamba-Luanda (Casa de Elisabeth e Elisaura).

— Não correu muito bem não foi? – Isaura perguntava à irmã que desta vez comia sorvete ouvindo a música “Voltas de Anderson Mario”.

— Ele não quer saber de mim. – Betty engoliu mais uma colher de sorvete.

— Você precisa ser forte, você se lembra que ele levou mais fora de você do que você dele? – tomando o copo de sorvete da irmã Isaura sentou-se perto dela.

— Você está certa, não vou desistir tão fácil assim – Betty se recompôs sorrindo.

— Tenho notícias ruins – falou Isaura.

— O que foi? – Betty perguntou.

— Eles viajam amanhã para Inglaterra, ele conseguiu uma bolsa de estudo para Oxford e o pai do seu amigo matriculou lá também o filho.– Isaura mostrou a conversa que teve com Helder acerca da viagem que teriam em breve.

— Não sabia que você era amiguinha dele. – Betty falou mostrando o nome de Hélder no Whatsapp da irmã.

— Foi só uma vez – Isaura respondeu sorrindo.

Betty fez uma cara de espanto depois que ouviu aquilo.

— Vou falar com a mãe agora mesmo, já sei que destino estudantil me aguarda... Eu vou para Inglaterra amanhã mesmo.

Aeroporto internacional de Luanda, Zona de embarque.

— Podemos falar? – Betty perguntou, depois de aparecer e surpreender Victor e Helder que não esperavam vê-la nunca mais.

— Agora? O nosso avião já vai descolar – Surpreso e com a respiração ofegante Víctor não sabia direito o que fazer.

— Sim Agora mesmo, pode ser aqui ou dentro do avião – Betty exibiu sua passagem e passaporte sorrindo.

Enquanto Isaura aparece carregando uma mala e Dona Maria vem logo atrás.

— Obrigado por salvar minha filha naquela noite, fico lhe devendo filho. – Dona Maria agradeceu e abraçou o loiro que roubou o coração de sua filha, sem esquecer que salvou ela.

— Que surpresa imensa, mas você espera que eu esqueça tudo e receba você na minha vida? – Víctor magoado com os baldes de água fria que recebeu dela entristeceu-se.

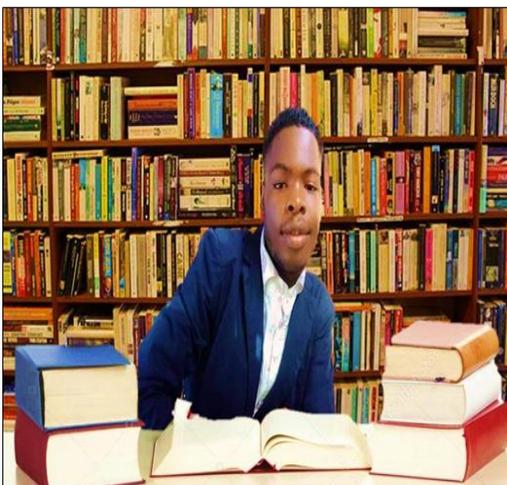
— Por favor, me diga o que eu posso fazer para te reconquistar? Eu te amo e seria louca se dissesse que não me doeu quando te rejeitei. Chorei todas as lágrimas por ter feito aquilo, era o meu orgulho que não me permitia admitir o que sinto por ti. E eu te Amo Víctor. – Betty chorava enquanto declarava seu amor por Victor que apenas sorriu e abraçou-a.

— Eu também te Amo – Víctor falou olhando para ela e depois a beijou com paixão.

E receberam aplausos de todos que estavam ao redor.

Isaura e a mãe voltaram para casa, enquanto Helder, Victor e Elisabeth entraram no avião e voaram até Inglaterra onde Victor se formou e se casou com Betty, tendo filhos e formaram uma linda família, Helder continuou sendo o Player, namorando mais de uma garota depois de assumir os negócios da família.

Isaura foi para Asia onde se tornou Budista depois de uma vida de muito sexo e diversão, já a mãe, a mãe foi para o Canadá aproveitar sua aposentadoria.



Sobre o Autor

No dia 20 de novembro de 2001 eu nasci. Incentivado por escritores e leitores de contos e histórias no Facebook, fui inserido no mundo da literatura, mas confesso que já escrevia desde muito cedo,

histórias soltas e letras que não faziam sentido na época, cheguei até a produzir uma banda desenhada feita totalmente por mim. Aprecio mais os contos de romances que os de ação. Gosto de criar coisas, inventar palavras e histórias, principalmente de ficção mitológica. Nos momentos de lazer, curto uma boa leitura, um filme de suspense ou comédia.

zE Monteiro, é meu nome artístico.

Meu nome verdadeiro é José Monteiro António.

Nasci em Kalandula Malanje-Angola. Filho de Jorge António, Pastor e de Teresa Monteiro, Camponesa.

Residência actual Luanda-angola.

Contactos: 929-240-161; 954-654-591

Facebook: zEMonteirozM. Páginas: Fio lógico Editora

Email: virshouj@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os escritores que participaram nesta coletânea de contos, Sandro Sebastião, zM Monteiro, Luis Abrantes, e a todos os outros autores que voltaram para participar neste Vol. 2, depois de já terem participado no primeiro livro.

À Bruno Braulio um obrigado em particular pelo trabalho que tu tens feito por nós; Cill Abrantes um obrigado do tamanho... por você sempre estar disponível na expansão da nossa editora.

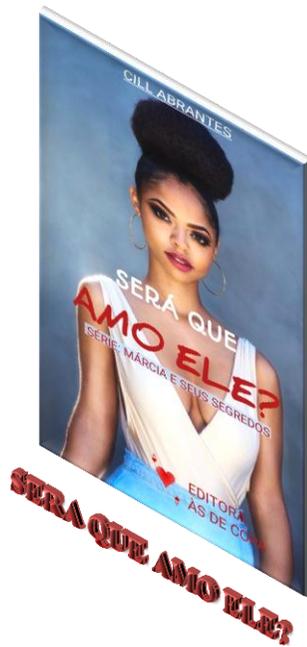
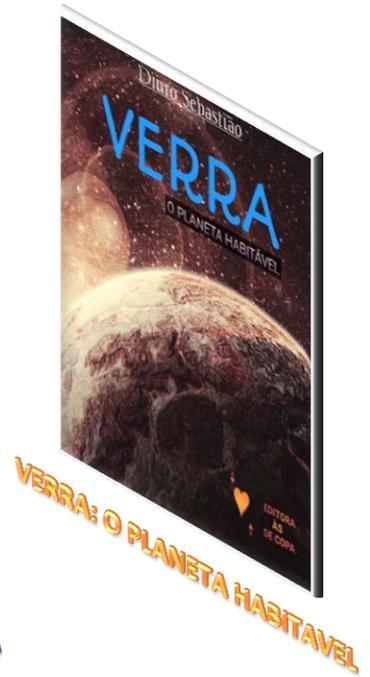
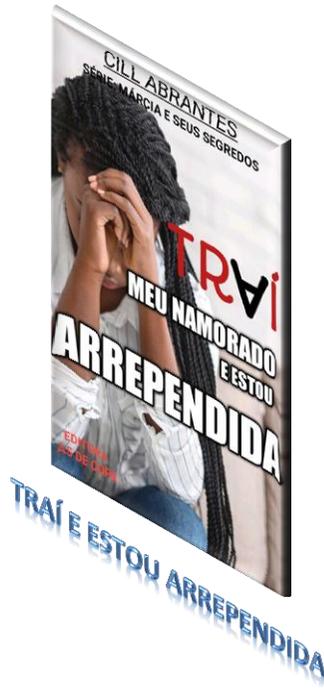
Sector 7, "harigato" pelo espaço emprestado, você é a nossa casa.

S.E.A. muito obrigado pelo apoio vocês são a nossa segunda casa.

Diuro Sebastião

Outros livros publicados pela **ÀS DE COPA** totalmente gratis.

Baixa [AQUI](#)



Leia um dos contos do volume 1.
A MEDIDA DO AMOR É AMAR SEM MEDIDAS



CONTO DE VICTÓRIA TOMBOKO

Quando conheci o Gelson eu ainda me adaptava à vida na cadeira de rodas, dois anos depois de um acidente. Estava no quinto ano da faculdade de medicina e fui a uma festa da minha turma com uma amiga. Ela estava segurando o copo dela, o meu copo, câmera fotográfica. O Gelson, que era amigo de amigos, se ofereceu para ajudar. Primeiro, achei que ele estava interessado nela, mas ele veio conversar comigo e passamos a noite inteira juntos. Eu podia perceber o estranhamento de algumas pessoas, mas foi tudo muito natural. No fim da festa, ele me carregou da cadeira até o meu carro com a segurança de quem fazia isso há anos.

E a naturalidade não foi só nessa transferência, mas em todas as atitudes. A gente brinca que nosso encontro já é algo de outras vidas.

O trauma psicológico do meu acidente foi maior que o físico. Eu era uma pessoa muito ativa, praticava esportes e perdi todos os movimentos do pescoço para baixo. Sou completamente dependente do ponto de vista motor, e foi uma adaptação muito, muito difícil. Estava ao mesmo tempo feliz e fragilizada: voltei a sentir paixão depois de anos de muita dor. Gelson era jovem, bonito, e eu ficava pensando se ele se acostumaria, se não ia sentir falta de um abraço.

Na primeira vez que ele oficializou o pedido de namoro, eu recusei. Não conseguia me aceitar, muito menos aceitar que alguém me quisesse. Mas o Gelson me ensinou a voltar a enxergar a mulher que eu era. Ele não via a cadeira de rodas, a deficiência. Ele via uma mulher, uma pessoa de que gostava. E a gente combinava no papo, na química.

Aproximamo-nos cada vez mais, fomos morar juntos. Este ano completamos uma década juntos e decidimos oficializar com uma celebração. Mas não vamos fazer um casamento tradicional – até porquê nos sentimos casados desde o primeiro dia em que nos vimos.

Leia um dos contos do volume 1.

LUTO



CONTO DE DIURO SEBASTIÃO

Oi meu nome é Jussara, eu só tinha 10 aninhos. Eu era uma garotinha linda, cheia de planos e uma infinidade de sonhos! Mas eu estava desaparecida desde a tarde deste domingo, na centralidade do Kilamba, quando (como de costume) a pedido da Mamãe sai de casa para comprar pão.

— Não demora filha! Volta logo para tomar banho e o café!

Tranquilamente segurando a minha bolsinha de moedas, vestida com a camisa do Petro Atlético número 11 e um calção jeans, eu fui à padaria, "enfrentei a fila do caixa" fiz o pagamento, guardei o

troco! Cheguei a me despedir de uma das atendentes quando o relógio da parede marcava 17h46'.

Feliz e contente, seguindo as recomendações da Mamã segurando o saco de pães; caminhei em direção a minha casa quando fui abordada pelo mal "POXA" eu tinha tanta pressa de voltar pra casa.

Percebendo o perigo tentei correr e me desvencilhar, mas foi em vão, era desigual sou uma garotinha indefesa contra um homem de 52 anos cheio de maldade e cobiça!

Meu corpo sem o calção jeans, apenas com a camisa do Petro foi encontrado jogado feito lixo em um matagal que fica atrás de um campo de futebol há cerca de 500 metros da minha casa.

Eu não vou mais voltar, eu sei, e agora já descanso de todas as maldades em um lugar onde posso andar tranquila. Mas peço de todo meu coração a você Mamã e Papai que cuidem de seus pequenos! O mundo está repleto de pessoas ruins, eu só queria comprar o pão. É muito triste saber que não sou a primeira vítima e enquanto as leis não forem mudadas, eu estarei longe de ser a última.

“Qualquer coisa semelhante ao caso, NÃO é mera COINCIDÊNCIA, isso ACONTECEU em Belo Horizonte, Brasil”.

Deixe seu comentário na página da editora no facebook, é muito importante para nós e nos ajuda a publicar cada vez mais!

Junta-se á nós no nosso grupo e saiba das novidades em primeira mão – [Saiba mais aqui](#).
Envie-nos um e-mail em: anibiano@gmail.com ou mensagem através do Facebook: [Editora As de Copa](#).

Acompanhe todas as novidades em nosso site
<https://www.asdecopaeditora.blogspot.com>

NOSSOS PARCEIROS

